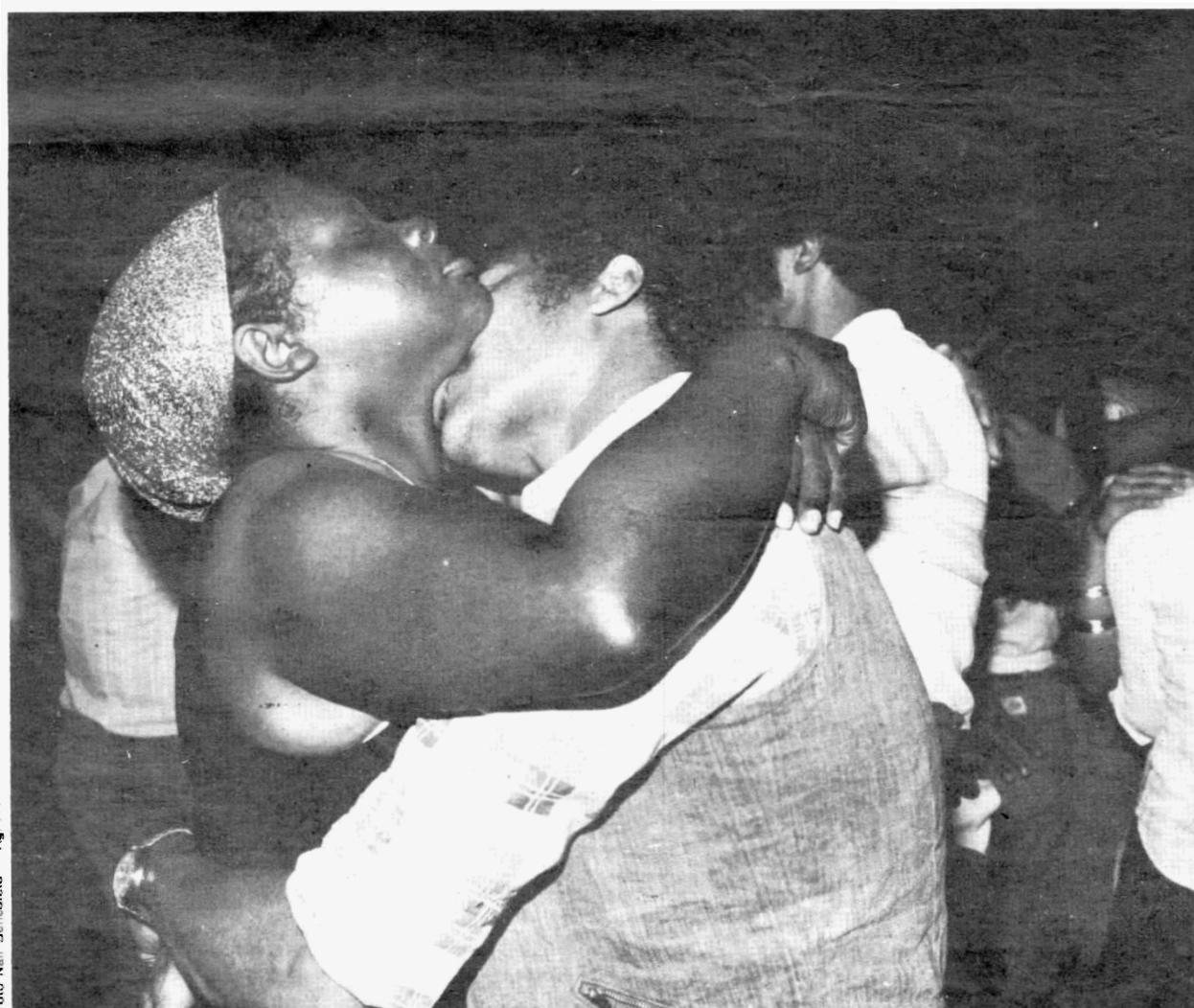


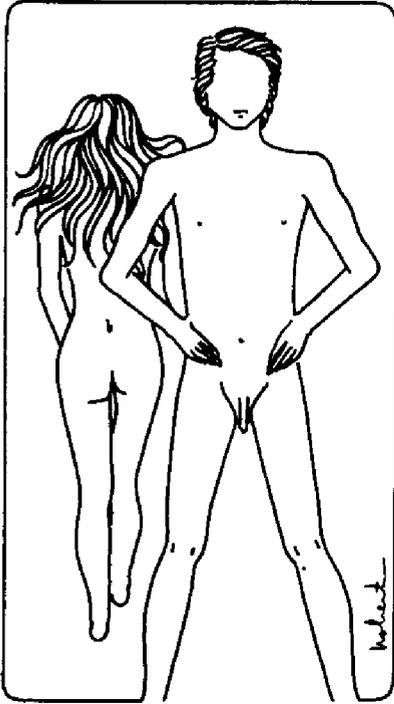
MULHERIO

Ano II, nº 9, SETEMBRO/OUTUBRO 1982

CrS 150,00

Na dança das eleições, caímos no samba da política feminina





Recebi o nº 7 do *Mulherio* e achei um barato. Gostei muito do artigo do Aloizio Mercadante Oliva sobre a situação do homem frente ao movimento feminista. O título do artigo, entretanto, leva à confusão, ao afirmar que ser macho é cinza. Ainda que isso possa ser verdade para alguns, a situação geral sobre a situação do homem é a de seus privilégios em relação à mulher. É, portanto, uma situação favorável, comparada à da mulher.

Esse é um tema que divide hoje o movimento dos homens nos Estados Unidos, e também aqui no Canadá se discute muito sobre isso. Participo do grupo "Homens de Toronto contra o Sexismo" (Toronto Men Against Sexism, TMAS), de homens socialistas e anti-sexistas. Nós nos juntamos no Dia Internacional da Mulher deste ano, a partir da proposta do grupo de homens *In Struggle* (Em luta) de dar um apoio concreto ao Dia Internacional da Mulher. Nós montamos um jardim de infância para crianças durante as comemorações do dia, com a participação de integrantes de um coletivo de homens que trabalham num jardim

Qual é a cor do machismo

Ser macho é mesmo cinza? Ou é basicamente uma situação de privilégio para o homem? Este é o tema de uma carta que recebemos de Lúcio Teles, que mora hoje no Canadá. Ele continua assim uma saudável polêmica sobre a situação do homem frente ao feminismo, já iniciada no último número do *Mulherio*.

de infância e limpamos os locais do auditório e da festa. Outros produziram um panfleto dirigido aos homens, explicando por que e como podemos apoiar a luta das mulheres.

A natureza de nosso grupo e as bases de unidade ainda estão num processo de formação. Nós estamos iniciando uma discussão de como nos devemos organizar e que tipo de atividades podemos tomar a nosso cargo. Um dos pontos fundamentais já assentados é a convicção de que na nossa sociedade os homens têm privilégios em relação às mulheres, e esses privilégios são uma consequência direta da opressão das mulheres.

Isso significa que nós, homens, temos interesse em continuar essa situação de opressão das mulheres. Nós nos opomos à noção de que desempenhar o papel de macho seja opressivo e de que isso possa ser a base de unidade para grupos de homens. Também discordamos da noção de que os homens têm tanto a ganhar com a liberação da mulher quanto elas mesmas.

A opressão das mulheres está presente em cada área da nossa sociedade e em cada parte de nossas vidas. Vivemos numa sociedade patriarcal e capitalista, com diferentes níveis de opressão. Os capitalistas exploram os trabalhadores. As mulheres são oprimidas pelos homens. As lésbicas e os homossexuais são oprimidos pelos heterossexuais. Grupos raciais e nacionais também sofrem a opressão.

Os nossos privilégios em relação às mulheres são inúmeros. No trabalho assalariado, os homens têm um salário maior, mais facilidade de acesso a empregos e o trabalho mais valorizado. Na vida pessoal, as mulheres são

as responsáveis pelo trabalho doméstico e são elas que lidam com as necessidades emocionais nas relações pessoais. A chamada liberdade sexual é uma bandeira sob a qual nós homens podemos ignorar nossas responsabilidades nas relações sexuais, inclusive no controle da natalidade, e podemos tratar as mulheres como objetos para o nosso prazer. Na sociedade, as autoridades cooperam na opressão das mulheres ao dar a nós, homens, privilégios legais no casamento, assim como em casos de estupro e outras formas de violência contra mulheres.

Nós reconhecemos que cabe às mulheres levar a luta contra a opressão que sofrem. A área mais difícil e controversa de nossa discussão tem se dado em torno de como os homens devem participar desta luta. Nós concordamos que podemos começar esse apoio ao reconhecer os privilégios que temos, ao desenvolver nossa análise da opressão das mulheres, baseando-nos na experiência do movimento feminista e ao opormo-nos aos privilégios masculinos em nossa prática pessoal e política, em todo lugar e momento que seja possível.

Outros pontos que temos discutido: a relação entre a liberação feminina e o socialismo, como os homens podem educar outros para se oporem à opressão das mulheres, e a relação entre homossexuais e heterossexuais. No momento nós somos, ainda que não por definição, um grupo de heterossexuais.

Espero que existam grupos de homens organizados aí no Brasil, discutindo esses problemas. A gente gostaria muito de receber informações deles, de que fazem e discutem. Um abraço grande para vocês. **Lúcio Teles, 35, Charles St. W. Apt. 315, Toronto, Ontario, M4Y-1R6, CANADA.**

CARTAS

Tenho 26 anos, sou casada há sete anos, mãe de 2 filhos de seis e quatro anos, resido numa cidade e trabalho em outra, a 12 Km de estrada de chão, e como não poderia deixar de ser trabalho em casa também. Na cidade onde trabalho há aproximadamente 3.000 habitantes, o nível cultural é muito baixo, principalmente das mulheres, na sua maioria camponesas e donas-de-casa. Diante da falta de informações em geral e sobre a situação

da mulher, é muito importante continuar lendo *Mulherio*. Gostaria, se possível, de receber outros materiais ligados aos trabalhos, lutas, vitórias, etc., da mulher.

Elisabete Limoeiro Ribeiro, Ceplac, Jiquiriça, BA

Meu entusiasmo pelo *Mulherio* começou quando assisti a uma conferência da Ireda Cardoso em maio de 81, em Fortaleza. Ler o jornal é um prazer e uma alegria muito grande. Além disso, me sinto mais "integrada", no sentido de receber notícias de outras mulheres, principalmente do Ceará, saindo um pouco do isolamento do "tempo e espaço de Passo Fundo". Um abraço

a todos vocês e se precisarem de alguma coisa aqui dos "pampas" estou à disposição.

Antônia Alves de Amorim, Passo Fundo, RS

Tenho recebido o *Mulherio* e vou trazer artigos publicados por vocês para *Off Our Backs*, que é o jornal feminista de maior circulação nos Estados Unidos.

Sônia Alvarez, Nova Iorque, EUA

Desculpe

O número anterior de *Mulherio* saiu erradamente identificado como nº 7. Ele é o nº 8.

Todo grupo minoritário ou marginalizado, quando inicia seu processo de autoconhecimento e busca de identidade, para criar forças na luta pela superação de sua condição de opressão, passa por uma fase introspectiva. Essa volta para dentro de si mesmo, realizada de forma coletiva, exclui por princípio aqueles que não pertencem àquela determinada categoria discriminada. Os negros não querem brancos em suas associações, os povos colonizados rejeitam as tradições culturais dos colonizadores, os jovens isolam-se em espaços e linguagem própria, as mulheres impedem a participação dos homens nas organizações feministas.

Não é difícil entender essa tendência em demarcar fronteiras e afastar tudo que representa a presença do opressor para fora delas. A procura de uma identidade auto-assumida, que negue aquela imposta pelo grupo dominante, só pode se realizar a partir dessas práticas, que garantem um mínimo de espaço próprio para o difícil começo do processo de liberação.

Esboçado o projeto de luta e transformação, os grupos têm de se abrir para fora, agora com uma nova postura e um novo eu. Nos embates que se seguem, eles vão-se transformando e sendo reformulados seus primeiros planos. São feitas e desfeitas alianças, aprende-se a resistir às tentativas de cooptação, amplia-se a participação, conquista-se novas formas de expressão.

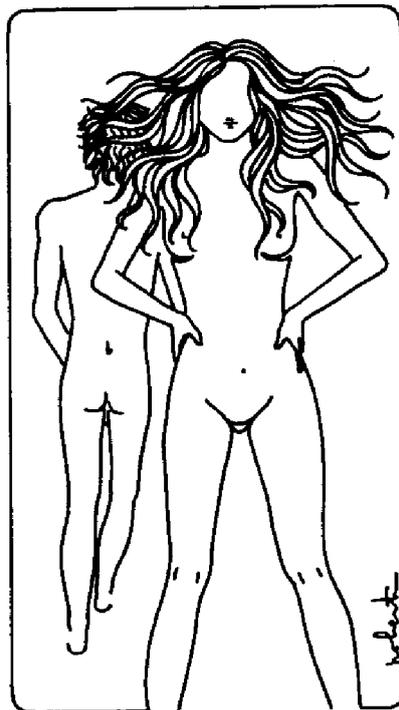
A história recente dos movimentos negros e de outras minorias étnicas, das mulheres, dos povos colonizados, dos homossexuais, e até mesmo dos deficientes físicos atestam a complementaridade dessas duas faces da luta: o autoconhecimento e a luta contra a opressão.

Entretanto, o processo de mudança que é provocado por esses movimentos não se restringe à transformação de sua própria condição de opressão. É toda a sociedade que recebe o impacto dessas mudanças. Há um entrelaçamento dos vários movimentos, há uma interferência mútua, entrecrocaram-se interesses, convergem objetivos. Os efeitos das várias lutas parciais não são parciais, mas alcançam todos os setores da sociedade. Por outro lado, as transformações gerais são condição para a modificação de uma condição específica de exploração e discriminação. Há uma interação entre os diversos níveis nos quais se processam as mudanças.

ASSINE MULHERIO

Para assinar **Mulherio** por um ano, envie um cheque no valor de Cr\$ 750,00, nominal à Fundação Carlos Chagas, à Av. Prof. Francisco Morato, 1.565, CEP 05513, São Paulo, SP. Num papel anexo, relacione seu nome, endereço completo, profissão e telefone. Atenção: esse preço é válido apenas para as assinaturas dentro do território nacional. Para o Exterior, o preço é Cr\$ 1.200,00.

O feminismo brasileiro já conquistou espaço suficiente para levá-lo a uma nova etapa: o término da atitude separatista em relação aos homens. É o que diz Maria Malta Campos neste artigo, que abre em Mulherio um debate sobre o modo de incorporar os homens em nossa luta. A posição de Maria não é consenso dentro do movimento feminista, e mulheres com visão diferente, convidadas a escrever sobre o mesmo tema, não puderam fazê-lo para este número.



Feminismo e separatismo

Pode-se perceber, também, que a evolução desses movimentos, depois de percorridas algumas etapas, chega a um ponto em que a introspecção inicial sucede-se um período de exaltação da nova identidade adquirida, de proclamação das conquistas obtidas. Não se pode dizer que essa fase corresponda ao alcance de todos os objetivos perseguidos. Longe disso. É a simples conquista de um espaço, do reconhecimento dos outros grupos sociais, do direito de existir à luz do dia que gera essa alegria e essa extroversão.

O movimento das mulheres dá mostras de ter atingido essa etapa. O senso de humor, a capacidade de recuperar uma linguagem de origem pejorativa e usá-la com novo sentido, a possibilidade de perceber no outro os efeitos das mudanças obtidas para si são reflexos desse processo. A tolerância para com os grupos que só agora iniciam o caminho que outros já percorreram antes faz parte dessa nova postura.

Não justifica, porém, a manutenção da atitude separatista enquanto tal. Essa é uma necessidade, em alguns momen-

tos, mas não um objetivo permanente. Condição fundamental para o despertar da nova consciência, pode transformar-se em fator de estagnação quando leva à desvalorização de transformações sociais que não se relacionem diretamente com a questão feminina, quando procura isolar de lutas comuns uma parcela de potencial humano tanto mais preciosa quanto mais consciente de sua própria especificidade.

Novos espaços, novas fronteiras, novas possibilidades abriram-se a partir do feminismo. Seus efeitos podem ser identificados em todos os campos da atividade humana: no trabalho, nas relações pessoais, na arte, na ciência, na educação, no esporte e assim por diante. A crítica do cotidiano que ganhou impulso com o movimento das mulheres abriu possibilidades inexploradas de transformação pessoal e coletiva, só para citar um exemplo. Por que virar as costas a tudo isso? O feminismo já conquistou seu direito de cidadania. É preciso agora exercê-lo!

Maria Malta Campos

Expediente

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosenberg, Heleith Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehi, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Redação — Adélia Borges e Fúlvia Rosenberg (editoras), Marlene Rodrigues (edição de arte) e Miriam Tanus (secretária). Além das pessoas que assinam matérias, também colaboraram neste número: Roberta Masciarelli, José Marcos Pires Bueno.

Jornalista Responsável — Adélia Borges. Registro no MTE nº 10.680. SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pedir-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação — Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1.565, CEP 05513. São Paulo, fone 211-4511, ramal 247.

Publicação
Fundação
Carlos Chagas
de São Paulo
CEP 05513
Fone: 211-4511
Ramal 247

1932 — As mulheres conquistam o direito de voto no Brasil.

1982 — Depois de um longo período de obscurantismo na vida política do país e pela primeira vez desde que o movimento feminista se firmou e fortaleceu, homens e mulheres vão às urnas para escolher seus candidatos em vários níveis. E com opção de escolher também entre muitas candidatas, algumas efetivamente comprometidas com a luta pela melhoria da condição da mulher na sociedade.

Como as mulheres se comportarão nessas eleições? O que significa para homens e mulheres o fato de haver muitas candidatas? Wanda Nestlehner e Juca Martins, de Mulherio, foram às ruas de São Paulo para ouvir a opinião de pessoas de diferentes classes sociais sobre essas questões.

Os depoimentos que eles colheram apresentam um interessante mosaico: variam as posições ou o valor que se dá ao fato de haver candidatas, mas ninguém vê mais com estranheza o fato de a mulher participar ativamente da política. Em contrapartida, a maioria discorda do slogan "mulher vota em mulher", argumentando que não importa o sexo do candidato, mas seus compromissos e a afinidade que temos com sua plataforma.

Os depoimentos colhidos nas ruas estão nesta página até a página 8, ao lado de entrevistas com algumas candidatas do Rio e de São Paulo mais ligadas à luta feminista. As entrevistas com as candidatas foram feitas por Helena Salem (Rio), Leda Cristina Orosco e Wanda Nestlehner (SP).

Política feminina



Foto Juca Martins - Ag. F14

Se fosse pra eu escolher uma mulher, eu escolheria a Marília Gabriela.

Eleni Forte Silva

Divonete Moreira, 26 anos, dona-de-casa.

Você já escolheu seus candidatos?

Eu vou escolher três e depois vou tirar no par ou ímpar: Lula, aquele velho lá... Franco Montoro e aquele outro velho também, esqueci o nome dele, aquele que já foi candidato. Pros outros cargos eu não escolhi nada.

Você conhece alguma candidata mulher? Você votaria numa mulher?

Aqui de São Paulo não, mas eu conheço a Sandra do Rio. Prá votar, depende de ver o que ela já fez, o que ela pretende fazer. Porque estes três aí eu escolhi por causa das entrevistas que eu escuto e de mulheres eu não conheço nada, eu acho que não está tendo propaganda. Mas eu acho importante sim ter mulheres na política, porque as mulheres entendem mais os problemas, principalmente da dona-de-casa, os homens não, os homens é mais negócio de política, futebol, essas coisas. A mulher já se preocupa bem mais com as coisas, uma feira, um supermercado, uma creche, problemas da dona-de-casa mesmo. Eu acho que as mulheres poderiam resolver estes problemas, apesar de que elas também prometem mil e uma coisas...

Michel Sacacchini, 63 anos, chefe de seção.

Eu vou votar no partido do governo, sem dúvida nenhuma. Porque o

governo tem tudo, tem faca e queijo na mão e o que ele pode fazer pelo povo ele faz, o que ele não pode ele não faz. Só gentinha ignorante mesmo é que vota contra o governo, porque contra a força não tem resistência, a verdade é essa.

Dentro do partido do governo também tem candidatas mulheres. O sr. votaria numa mulher?

Perfeitamente, como não, se a maior mulher do mundo é a primeira-ministra da Inglaterra? Tem senadoras nos Estados Unidos, por que nós não podemos ter senadoras aqui também?

O sr. já escolheu seus candidatos? Vai votar em alguma mulher?

Já escolhi, mas não vou votar em nenhuma mulher. Se a dona Sílvia Maluf se candidatasse para algum cargo eu votaria nela, porque é uma mulher inteligente, competente e capaz, não resta a menor dúvida.

Marilena Chauí, 41 anos, professora de Filosofia.

É claro que vou votar em mulheres. Acho essencial que elas sejam candidatas e que a gente vote nelas. O movimento social tem de encontrar expressão política e hoje, no Brasil, nós temos dois canais básicos pra isso: partido e Parlamento. Para a concretização das reivindicações que vêm sen-

do feitas pelas mulheres. é imprescindível que essas reivindicações sejam transformadas em direitos reconhecidos e, conseqüentemente, em leis, daí a importância de ter mulheres no Parlamento.

O que se tem notado é que nesse Parlamento composto por homens, nesse Parlamento machista que nós temos, há uma dificuldade para que os direitos das mulheres sejam reconhecidos e declarados em leis.

Outro ponto importante é a defesa das reivindicações sociais que, quando são feitas por mulheres, são feitas por ângulos muito novos. Acho que a participação das mulheres no Parlamento cria uma possibilidade de renovar a forma das discussões.

Você acha que mulher deve votar em mulher?

Não como uma coisa obrigatória. Isso é uma coisa que vai depender das afinidades das eleitoras com as propostas das candidatas. Se a eleitora tiver afinidade maior com a proposta de um homem, acho que ela deve votar em homem. Mas o fato é que as propostas das candidatas têm qualidade altíssima.

Aparecida Pedra Kopczak, 36 anos, auxiliar de Serviço Social do SOF e presidente da Associação das Donas-de-Casa.

Estou com uma dificuldade muito grande para definir os meus candidatos porque não acredito em eleições. Vou votar no PT porque, apesar de não ser ótimo, entre os que temos é o melhor. Eu voto em Santo André e lá eu não conheço nenhuma mulher candidata. Aqui em São Paulo eu acredito muito na Irede Cardoso e na Irma Passoni. Mas acho que as mulheres estão levantando mais as bandeiras dos partidos do que as reivindicações do movimento de mulheres. A única que não faz isso é a Irede. É importante eleger mulheres, mas desde que elas não se transformem em bonecos dos

A participação das mulheres no Parlamento

possibilidade de renovar a forma das discussões.

Marilena Chauí

partidos. Eu votaria numa mulher que levantasse as bandeiras das mulheres. Eu não votaria numa mulher apenas porque ela é mulher. Eu não votaria na Sílvia Maluf, por exemplo.

Eleni Forte da Silva, 23 anos, balconista.

Você já pensou em que candidatos você vai votar?

Não. Mas vai ser na oposição acho que é PTB, não no partido do governo.

Você conhece alguma mulher em quem votaria?

Se fosse pra eu escolher uma mulher, eu escolheria a Marília Gabriela da TV Mulher, porque ela incentiva mais a presença da mulher na sociedade.

Ieda Areias, 29 anos, geógrafa, feminista, presidente do diretório do PMDB de Pinheiros.

Foto Mar Carrão - Ag. F/4



Vou votar nos candidatos do PMDB porque penso que o PMDB é o partido que mais amplia a luta contra o arbítrio, contra a ditadura. Mas voto em candidatos cujo compromisso com a democracia em nosso país antecede e ultrapassa as eleições de 15 de novembro.

No PMDB existe uma trinca de mulheres — Sílvia Pimentel, Ruth Escobar e Ida Maria — que eu estou apoiando. Voto nessas mulheres porque são companheiras com quem eu atuo há muitos anos no movimento pela anistia, na luta por creches, nos vários Congressos da Mulher Paulista.

Sei que estas são mulheres comprometidas com as lutas democráticas e particularmente com a defesa intransigente das reivindicações específicas das mulheres em nossa sociedade. Se no PMDB não existissem candidatas mulheres, feministas e comprometidas com os interesses da maioria

as mulheres. Sua campanha também está voltada para a defesa dos direitos dos homossexuais, e recentemente ela recebeu um apoio que julgou muito importante, de prostitutas cariocas.

Lélia, o que você acha do slogan "mulher vota em mulher"?

"Esse papo é tão furado quanto aquele de "negro vota em negro", e ambos se diferenciam daquele que afirma que "trabalhador vota em trabalhador". Enquanto esse último tem sua coerência apoiada justamente na denúncia da exploração da classe trabalhadora pela classe dominante, os outros dois escamoteiam essa questão. Afinal, existem mulheres e negros que pertencem e/ou fazem o jogo da classe dominante, buscando perpetuar os privilégios dela e, ao mesmo tempo, participar desses privilégios. Tem muita mulher por aí que, de comum com as lutas das feministas, só tem mesmo uma coisa: o sexo feminino. No restante, elas são tanto ou mais masculinas do que muitos homens que a gente conhece.

Nas eleições de 78, o Movimento Negro Unificado, ao qual pertencem, criou a categoria do "voto racial", que consistia no apoio aos candidatos que levassem, na sua campanha e no Parlamento, as reivindicações da comunidade negra. Esses candidatos

não eram necessariamente negros.

Nas eleições de 82 nós também teremos o "voto feminista", o apoio às candidatas saídas do nosso movimento e aos candidatos que se comprometem com as lutas de libertação da mulher. Mas temos que estar muito atentas, pois há muito candidato (e candidata não feminista também) por aí que, por mera demagogia eleitoral, se diz defensor dos direitos das "minorias".

Digo isso porque ainda amargamos a decepção sofrida com os candidatos que o MNU apoiou em 78: tanto os negros quanto os brancos que elegemos nada fizeram pela comunidade negra. E todos eram muito progressistas."

Qual a sua posição em relação ao aborto?

"Sou a favor da legalização porque a simples descriminalização não resolve o problema das mulheres de baixa renda, que continuarão sem a assistência médica. A legalização é mais coerente com a nossa proposta, embora a descriminalização já seja um passo. No entanto, o Estado deve assumir a tarefa de conscientizar as mulheres sobre os métodos contraceptivos, fornecendo-lhes assistência médica gratuita e de alto nível, inclusive no caso do aborto."



Foto Lourdes Maria Grzybowski

Lélia Gonzalez, candidata a deputada federal pelo PT/RJ

Antropóloga, militante dos movimentos negro e feminista, membro do Diretório Estadual do PT no Rio de Janeiro, Lélia Gonzalez disputa uma vaga na Câmara pretendendo continuar seu trabalho em favor dessas duas grandes "maiorias silenciadas" do país, como ela chama: os negros e



A mulher tem que tentar se eleger, mas com uma proposta mais ampla.

Roniwalter Jabotá

uma capacidade, uma mulher eficiente, pena que ela não é de Lula. Eu não conheço as candidatas do PT, mas acho importante votar em mulheres.

Roniwalter Jabotá, 33 anos, escritor.

Claro que eu votaria numa mulher, mas isso depende da proposta política e eu acho que tem várias mulheres candidatas que têm propostas interessantes. Acho também que a mulher tem de estar presente e atuante em todos os setores da sociedade e que essas mulheres podem pelo menos tentar moralizar o Parlamento. A mulher tem de procurar se eleger e não só para defender a questão feminista mas também com uma proposta mais ampla, de denúncia das repressões, etc, porque em nossa sociedade o problema da mulher não é o mais importante.

Inabel de Vasconcelos Barbosa, 20 anos, estudante de Psicologia.

Você já escolheu os seus candidatos?

Aí, não... Eu não eu não gosto de política, só vou eleger porque precisa. Eu nem sei em quem eu vou votar, acho que tá tão embaralhado esse negócio de partido e eles não resolvem nada. Mas é lógico que eu vou votar no PMDB, só não sei em quem vou votar ainda.

Você conhece alguma mulher candidata? Você votaria numa mulher?

Ivete Vargas, Ruth Escobar. Bom, a Ruth Escobar é amiga da minha mãe e se eu for votar em alguma vai ser ela.

Por que ela é mulher? - Não, imagine. Por que ela é amiga da sua mãe?

Não, sabe o que é, é o tal negócio, eu não me ligo nestas coisas, quero ver a hora que eles agirem um pouco, porque eu acho tanta bagunça.

Maria Stella Carvalho Ferreira, técnica em documentação, 34 anos. Eu já tenho alguns candidatos, pra alguns cargos: Montoro, Almino Afonso, Aurélio Peres. Os outros ainda não estão definidos.

Irede é muito conhecida pelo trabalho que vem fazendo há anos: tentar mudar a imagem que os meios de comunicação social apresentam sobre a mulher. Responsável pela coluna de Feminismo, publicada na Folha de S. Paulo aos domingos e editora do programa TV Mulher, da TV Globo, ela é também mestre em Psicologia Social. É autora dos livros Mulher e Trabalho e Os Dias Dramáticos da Mulher Brasileira. Foi uma das fundadoras da Frente de Mulheres Feministas.

Sobre sua candidatura, ela diz:

"A plataforma de um vereador não pode ser feita em termos gerais, tem que ser localizada a nível da cidade de São Paulo, onde a maioria dos movimentos populares por melhorias nos bairros são organizados por mulheres. Como vereadora, uma das minhas propostas é estimular e fortalecer a organização das mulheres em todos os pontos da cidade, não só para que elas façam dessa cidade uma cidade do povo, uma cidade decente na escola, no posto de saúde, no transporte, no esgoto, na água, na luz, etc., mas também para que as mulheres, ao lado dessa luta chamada "mais geral", tenham oportunidade de refletir sobre si próprias, sobre a sua situação na sociedade."

"Se eu for eleita, vou ser uma das primeiras vereadoras no meio de uma maioria de homens. Então, como vereadora e feminista, a ênfase vai ser na conscientização e organização da mulher como uma cidadã de primeira categoria, que tem de agir politicamente e ter consciência dos seus direitos. Uma das atividades importantes será a de reforçar o movimento de luta por creches, que faz parte de uma conscientização sobre o que é uma maternidade justa. Hoje, a mulher é vista como a única responsável pelo cuidado dos filhos, e então a maternidade se torna um peso muito grande."

Você é a favor da legalização do aborto?

não significa emancipação da mulher ou não sei até que ponto significa. Mas é importante ter mulheres em termos de as pessoas acreditarem nas mulheres, eleger mulheres é uma coisa que pode trazer um pouco mais de respeito.

Você pretende votar em alguma mulher?

Talvez a Ida. Pra estadual e federal não tem nenhuma mulher em quem eu votaria. Eu escolhi os meus candidatos por um critério político, pensando mais nas questões gerais do País do que na questão específica da mulher. Agora, eu acho importante as mulheres estarem participando da vida partidária, ter várias mulheres concorrendo a cargos eletivos eu considero mais uma conquista. Mas nesta conjuntura, neste quadro atual da política no Brasil, é secundária a igualdade entre homens e mulheres. É muito mais importante a questão geral e eu acho que as mulheres não estão colocando a questão geral com clareza, estão centrando mais a sua luta nas questões da mulher e eu não acredito que possa haver igualdade sem mudar a situação geral. É claro que considero as reivindicações das mulheres muito importantes, mas diante desse quadro geral da política do país, não coloco



Foto: Levi Mendes

Irede Cardoso, candidata a vereadora em São Paulo pelo PT

"Não sou a favor do aborto, mas a favor da despenalização, porque a clandestinidade só serve para dar dinheiro à indústria da repressão. Como vereadora, só vou poder colocar essa questão em discussão, e acho que isso vai ajudar a vencer a lei no âmbito federal. Havendo atendimento médico para casos em que o aborto se torne necessário, o comportamento do médico com a paciente vai ser outro, vai haver uma instrução sobre o que se deve fazer quando se quer ter filho e quando não se quer."

Como seu partido está vendo a questão da mulher?

"As mulheres do PT são feministas, femininas, doces e colocam a luta da mulher acima de qualquer engajamento político. Elas jamais serão manipuladas por partidos. Os documentos das mulheres do PT são enviados à Executiva Nacional e agregados à luta de todos os políticos do partido. Quando alguma conduta machista é descoberta dentro do PT, as mulheres 'caem de pau', elas tomaram espaço no partido"

minha escolha vinculada a essa questão.

Joana Cândida Silva, 19 anos, balconista.

Votar eu vou, mas não sei em quem. Você conhece alguma mulher candidata? Você votaria numa mulher?

Eu sei que tem mulheres. Eu acho que esse negócio de votar em mulher depende do que elas pensam, como elas querem agir. Mas eu não pesquiso muito. Eu acho que eles só prometem, prometem e não fazem o que é preciso, então a gente vota em qualquer um, porque aqueles que entendem votam nos que entendem, mas pra gente que não entende muito qualquer um tá bom. Nem o partido eu escolho. Na hora é que eu vou pesquisando, a turma fica falando, esse, aquele, aquele é bom, aquele é ruim então as pessoas vão dizendo qual que ajuda a gente, porque eu acho que tem alguns que ajudam.

E você acha que as mulheres podem ajudar mais as mulheres? Que mulher deve votar em mulher?

Eu acho que sim, porque as mulheres fazem mais coisas e homem não, tem homem que relaxa, que não tá nem aí, mas as mulheres não.

Pra gente que não entende muito, qualquer um tá bom.



Foto Juca Martins - Ag. F-4

Joana Cândida da Silva

Tem machismo na política e eu não acredito que entrando mulher agora vai acabar isso, mas vai diminuir um pouco.

Wilson Luís Tavares



Foto Juca Martins - Ag. F-4

Com 36 anos e quatro filhos, Comba milita no movimento feminista carioca há sete anos e trabalha, como advogada, num escritório de advocacia voltado para a defesa dos direitos da mulher. Sua candidatura, ela conta, surgiu de um processo de discussão acerca da relevância da participação política da mulher no Brasil:

"Há algum tempo já pensávamos, aqui no Rio, em fazer candidaturas representativas de nosso movimento. Partimos também da idéia de ampliar a discussão sobre a questão da mulher pelos diversos setores da sociedade, inclusive no âmbito do Poder Legislativo, que conta, até agora, com número muito reduzido de parlamentares identificados com nossa causa. "Estou orientando minha campanha no sentido de sensibilizar a população de minha cidade para a importância de revitalizar a Câmara Municipal, cujo papel político se perdeu nos longos anos de regime autoritário. Acho necessário que se estabeleça uma articulação real entre o movimento social que reivindica melhores condições de vida (habitação, saúde, educação, saneamento, lazer etc.) e os vereadores, que devem assumir a defesa das reivindicações do movimento, trabalhando junto com ele e nunca por ele.

"Estou dirigindo minha campanha a todos os bairros, tendo sempre como ponto de motivação a questão da mulher. Considero que a luta específica da mulher, hoje encampada por meu partido, o PMDB, é a mesma luta de todos os brasileiros por uma sociedade mais justa, mais livre e mais humana. A mulher precisa da democracia, assim como não há democracia enquanto não houver igualdade nos planos jurídico, econômico e social. Portanto, compreendo que, travando a luta específica, estamos reforçando a luta geral por uma nova sociedade. Essas lutas não se separaram. A nova sociedade emergirá de um processo muito profundo de trans-



Foto Lourdes Maria Grzybowski

Comba Marques Porto, candidata a vereadora no Rio, pelo PMDB

formações, hegemonicamente obtidas que, sem dúvida, terão como protagonistas o novo homem e a nova mulher."

Como você se posiciona em relação ao aborto?

"Desde o início de 1980 venho participando da campanha feminista pela descriminalização do aborto. Não somos a favor da prática do aborto e sim contra uma lei ineficaz que enfraquece nosso sistema jurídico já tão desacreditado, além de trazer um grave prejuízo às mulheres que se submetem à prática clandestina do aborto, cuja estimativa de incidência é de três milhões por ano em todo o Brasil. Defendo o direito de opção por ter ou não filhos, pois a maternidade não pode ser encarada como uma fatalidade biológica. A descriminalização do aborto é um dos pontos programáticos do PMDB e, enquanto feminista que se candidata a vereadora, devo ampliar a discussão do tema junto à população e no interior do meu partido."

Djamil Abrão, 24 anos, músico que está lançando um disco independente.

Você já escolheu os seus candidatos?

Já. Eu sou de Minas e lá eu vou votar no PT pra ver se muda um pouco as coisas.

Então você vai votar em mulher, a Sandra Starling, para governadora. Você acha importante ter candidatas mulheres?

Acho. Acho que as mulheres estão com novas idéias. Mas onde eu voto, em Poços de Caldas, a mulher ainda não é 'trou neste campo, ainda tem um certo tabu. Eu acho que as mulheres têm mais e que se candidatar, porque têm muitas coisas novas pra mostrar. Acho que esse machismo que nós vivemos no Brasil discriminou sempre as mulheres e elas não puderam mostrar tudo que têm pra dar, então eu acho que elas têm coisas novas, novas idéias pra mostrar.

Orlando Brandini, frentista da bomboniere do Objetivo, 54 anos, motorista aposentado.

O sr. já escolheu os seus candidatos?

Um é o Erasmo Dias...

O sr. conhece alguma candidata mulher? O sr. votaria numa mulher?

Conheço aquela do Rio, Sandra Cavalcanti. Claro que eu votaria numa mulher, por que não? Acho que a mulher tem mais respeito que o homem porque os homens são tudo achacador, vigarista e mulher não, mulher que ir pra frente ela quer puxar interesse, eu penso assim. Não tem mulher delegada. A mulher não é que nem o homem, ela vai cumprir a obrigação dela, homem não, já começa procurar um amigo, procurar outro e no fim vira tudo anarquia. As mulheres são mais responsáveis.

O sr. conhece alguma mulher que, caso fosse candidata o sr. votaria nela?

Não, não conheço, mas se aparecer eu voto.



Diva de Mucio Teixeira, candidata a deputada federal pelo PDT-Rio

Jornalista, advogada, Diva de Mucio Teixeira ligou-se ao feminismo desde os primeiros momentos do movimento. Hoje, divide seu tempo entre a campanha para deputada federal pelo PDT, o trabalho de correspondente do *Nouvel Observateur* e a advocacia, voltada para a defesa de mulheres vítimas da violência.

"Não é de hoje que sou feminista", conta Diva, enquanto vai mostrando uma série de artigos sobre as mulheres, publicados em revistas e jornais, alguns de 1972, escritos por ela. "Tenho toda uma história, um passado. Pertenci ao primeiro grupo de reflexão e conscientização em 1974, do qual faziam parte muitas feministas de hoje. Depois, em 1975, participei do encontro na ABI, que formulou os estatutos de uma futura entidade de mulheres (o Centro da Mulher Brasileira). Sempre me preocupi muito com a questão da violência contra a mulher. Acho que a luta da mulher é um movimento profundamente contestador da sociedade patriarcal em que vivemos."

Diva lembra a mobilização em tor-

no do caso Doca Street, "símbolo da violência contra a mulher". E faz questão de destacar os vários tipos de violência: "Da mulher que vive no tanque e é assassinada por qualquer razão, mas sobretudo porque é a mais fraca, mais dependente; o estupro, que é um dos crimes mais aviltantes, porque atinge a própria sexualidade da mulher".

E é como feminista que se dá a participação de Diva no PDT. "No partido, levo as minhas reivindicações de mulher. Temos de sair do gueto, do isolamento."

Em sua campanha, Diva propõe entre outras coisas a criação de um refúgio da mulher espancada. E explica: "Muitas mulheres não dão queixa do espancamento, porque têm de voltar para casa. Então, o refúgio teria a função de abrigá-las em um primeiro momento e depois encaminhá-las para o mercado de trabalho".

Sobre o aborto, Diva defende a sua descriminalização, que seja gratuito e em boas condições, "como já é feito pela classe média. Mas aborto não deve ser entendido como anticoncepcional". Outros pontos de sua campanha são: formação de centros de saúde que ministrem cursos para médicos para as mulheres, onde também se encaminhe as mulheres para os diversos tipos de parto (de cócoras, tradicional, etc.); contra a discriminação por sexo na educação (presente também nos livros didáticos).

"Acho que minha campanha tem que ser permanente, não só nestes três meses anteriores à eleição. Não uma campanha eleitoral, mas também uma campanha que congregue a mulher dona-de-casa, de classe média, operária, todas". Finalmente, Diva reafirma que é contrária à "instrumentalização do movimento feminista pelos partidos políticos. Descobrimos que a mulher é maioria do eleitorado" — diz ela. Todos devem poder se expressar mas de forma horizontal, sem manipulação de poder".



Irma Passoni, candidata a deputada federal pelo PT-SP

Pedagoga, Irma foi eleita deputada estadual pelo MDB, em São Paulo, em 1978, depois de ter-se destacado por sua atuação no Movimento contra a Cereftia. Durante seu mandato, continuou sempre presente nas lutas populares por reivindicações salariais, por água, luz e moradia. Atua

junto aos clubes de mães da periferia da cidade.

Você é feminista, Irma?

"Sim. Mas não assumo o feminismo da Federação das Mulheres, por exemplo. Assumo a necessidade de discussão específica dos problemas das mulheres, assim como dos problemas dos negros, pelo conjunto da sociedade. Estou convencida de que não existirá mudança política e econômica real no país sem a participação da mulher. Nós temos sido muito utilizadas pelo sistema para brecar mudanças no país, como em 64, daí a urgência de nos conscientizarmos para interferir decisivamente no processo atual de mudança e no que vem depois. Quetramos ou não, nós marcamos profundamente a educação de nossos filhos e, através disso, temos a responsabilidade de garantir a continuidade da mudança que desejamos".

Como você vê a articulação entre a luta pela emancipação da mulher e a luta pela transformação da sociedade?

"Acho que as duas lutas devem ser enfrentadas simultaneamente. Sou contra a visão da mulher como um ser de segunda categoria, que se manifesta em todos aqueles que dizem que as questões da mulher não são prioritárias no momento. E isso existe entre as próprias mulheres. Em meu

trabalho na periferia, por exemplo, ouço muitas mulheres afirmarem que é mais importante discutir carestia do que a contracepção ou os problemas vividos em sua casa no dia-a-dia. Mas são esses problemas que, muitas vezes, impedem a mulher de continuar participando da luta, daí a importância de discuti-los imediatamente. O pessoal é social também".

Você está abordando em sua campanha a questão da legalização do aborto?

"Sou favorável, hoje, à discussão do problema do aborto, e em minha campanha vou tocar nesse problema relacionando-o às péssimas condições de trabalho existentes. Já trabalhei em laboratório farmacêutico e são centenas as mulheres que abortam por estarem em contato com drogas nocivas, e no fim não têm nem mesmo licença do trabalho para se tratar. Em máquinas de raio X, até funcionárias encarregadas da limpeza muitas vezes abortam. Por isso sou a favor da discussão desse problema. Muita gente acha que falar de aborto é desvio de atenção, e que é mais importante falar de creche, de condições de vida. Para mim, o aborto não pode ser tratado como ponto isolado da vida da mulher".

E a autonomia do movimento feminista, como vai?

Uma reflexão necessária, antes e após as eleições: como manter nossa autonomia e, ao mesmo tempo, não desaparecer da cena política

As reuniões do conselho editorial do *Mulherio* são sempre tão interessantes que não sei por que a gente nunca fala delas nas matérias que faz para o jornal. Esta matéria, por exemplo, a idéia dela me foi sugerida ouvindo a descrição (irritada) da Lélia sobre uma feminista do Rio que afirmou numa entrevista que só o seu partido tinha feministas. Ficamos discutindo, a partir de um comportamento quase banal num ano de eleições, o que é que está acontecendo com a famosa autonomia do movimento feminista em relação à organização partidária da sociedade brasileira, que parece engolir como um polvo não só o nosso movimento mas todos os outros que emergiram nesse período da história política.

O movimento feminista — cujas participantes estavam refletindo há algum tempo a respeito de questões que interessam particularmente à mulher, ao mesmo tempo que apontavam para o fato de que elas são questões de alcance social mais amplo —, tinha algo de específico a acrescentar aos programas dos partidos que se (re) organizaram desde 1979. Algo em que os homens desses partidos não tinham pensado ou sobre o que tinham pouco a dizer: aborto, creches, trabalho doméstico, violência, legislação civil e penal.

A primeira resposta para a nossa pergunta parecia ser, então, que as

mulheres estão entrando para os partidos, como representantes de vários outros setores da sociedade, com o objetivo de participar na direção das mudanças que vão ocorrer na sociedade brasileira depois das eleições de novembro. Boa parte das mulheres que desde 1975 vem recolocando na discussão política as questões específicas da situação da mulher, está agora na luta partidária. São elas as responsáveis pela incorporação dessas questões ao discurso dos candidatos em geral, aos programas dos partidos mas, além disso, elas são filiadas e candidatas.

A transformação mais importante efetuada pelo movimento feminista na cena partidária foi, sem dúvida, essa conquista de um palanque político para a difusão de suas propostas. Conquista tão importante que, se num primeiro momento, esse era um tema apenas no programa dos partidos de oposição, agora ele começa a ser disputado pelo partido do governo. Neste sentido, a presença das feministas dentro dos partidos começa a ter a sua própria história, ela mesma específica, e a encontrar um terreno de luta, de disputa pela conquista de posições que, guardada sua singularidade, tem muitas semelhanças com as outras lutas que se travam no âmbito partidário. Essa singularidade e os conflitos entre o que num determinado mo-

mento chamávamos de "dupla militância" — no movimento feminista e em algum partido — são claramente percebidos pelas feministas envolvidas no processo, como se pode lembrar lendo o *Mulherio* de um ano atrás (setembro/outubro de 1981).

Mas, como a Fúlvia observava na reunião, é como se todas as questões, colocadas pelas mulheres entrevistadas naquele número do jornal, já tivessem sido superadas, resolvidas hoje, e não precisássemos mais discuti-las. Outra maneira de formular a pergunta que nos interessava discutir era então: será que o movimento feminista está se esfacelando de maneira análoga ao esfacelamento sofrido pela oposição desde 1979? Dividir para reinar sempre foi uma estratégia utilizada pelos que detêm o poder, e, se uma feminista, quem quer que seja, pode dizer que só em seu partido há feministas, a frase significa que a sua primeira lealdade, ainda que parte da retórica de um ano eleitoral, é hoje para com o partido. Discussão complicada essa. Elizabeth lembrava também que é muito tênue a linha que separa a crítica ao partidário estreito da defesa de uma atuação apolítica. O movimento feminista tem demonstrado, entretanto, que resiste à idéia de que todo o político se concentra nos partidos, ao continuar a promover encontros comuns entre feministas de vários partidos ou não filiadas a partido nenhum: o Tribunal Bertha Lutz, é um bom exemplo disso, lembrava Adélia. A própria existência do *Mulherio* é outro exemplo.

E todas as pequenas resistências, nem sempre noticiadas mas expressas nos grupos de mulheres que continuam a se encontrar para debater a sua situação, em público, socializando discussões antes restritas; expressa em todos os nossos atos cotidianos que não são mais os mesmos desde que essa discussão começou, também falam da força de um movimento, por oposição a uma parada ou a um ponto de chegada.

A extraordinária amplificação que os temas postos em discussão pelo movimento feminista ganharam nos chamados meios de comunicação de massa e nos discursos eleitorais, certamente tenderá a diminuir, passado o primeiro impacto da "coisa nova", e terminadas as eleições. A politização do cotidiano, a rediscussão dos compromissos assumidos pelos partidos em véspera de eleição, saindo do primeiro plano que ocuparam nesses últimos meses e voltando a ser objeto de pequenas lutas nos bastidores, vão nos dar uma sensação de vazio e de esvaziamento do movimento. Acredito também que só depois de novembro é que vamos poder avaliar as consequências desse enorme investimento coletivo na eleição de umas poucas pessoas. Mas a reflexão deve começar agora, para não nos pegar desprevenidas.

A questão central é o que fazer daqui para diante, para que nossa atuação não seja simplesmente um item de programa partidário, mas que também não esteja desvinculada de outras lutas sociais; para que, mantendo nossa autonomia, não desapareçamos da cena política, na qual entramos com tanta gana. A discussão está só começando.

Mariza Corrêa



Foto Rosa Gaudiano

Em meio século com direito de voto, poucas conquistas

Um rápido histórico dos 50 anos do exercício do direito de voto pelas mulheres no Brasil

A conquista do direito de voto pela mulher no Brasil, em 1932, fruto de agudos debates e de intensa campanha, não assegurou à mulher, na prática, uma participação ou uma representação correspondente ao seu peso específico dentro da população do País. Mesmo nos curtos períodos de tempo em que campanhas eleitorais foram permitidas com maior margem de liberdade democrática e em que o Legislativo teve uma atuação mais ampla, foram poucas as mulheres que exerceram mandatos eletivos. E sua atuação no Parlamento pouco contribuiu para aumentar a representatividade feminina ou ampliar sua participação no processo político decisório.

A Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, serviu de cenário para a primeira disputa eleitoral que contou com a participação feminina. Como resultado, a médica Carlota Pereira de Queiroz tornou-se a primeira mulher eleita para a Câmara dos Deputados, em 1933. A pioneira do movimento de mulheres no Brasil, Bertha Lutz, elegeu-se suplente de deputada no mesmo ano, e assumiu sua cadeira em 1936, tendo uma atuação bastante voltada para a questão da mulher.

De 1937 a 1945, durante o longo período do Estado Novo, não houve eleições, mas as mulheres participavam intensamente dos movimentos de

resistência à ditadura. Redemocratizado o País, nas eleições de 1947 nenhuma mulher conseguiu eleger-se a nível federal, para a Assembléia Constituinte. Nas eleições estaduais e municipais no mesmo ano, contudo, várias mulheres foram eleitas, ligadas principalmente aos partidos de oposição. A campanha eleitoral foi um fator de organização das massas femininas em prol de seus problemas específicos. Nesse período, o combate à carestia servia de tônica dos discursos e das lutas das associações femininas.

O avanço posterior foi bastante relativo. Em 1966, havia apenas duas deputadas federais, ambas do PTB. Em 1968, o número aumentou para cinco: quatro do MDB e uma da Arena. No mesmo ano, em todo o País, o número de deputadas estaduais não atingia uma dúzia.

A nível estadual, tomando o exemplo do Rio, houve 39 candidatas eleitas de 1946 a 1978, mas na verdade esse número se reduz a 15 mulheres, pois algumas foram eleitas várias vezes. Elas têm-se limitado a apresentação de votos de louvor, indicação de nomes de ruas, pedidos de informações etc. Os projetos destinados a melhorar a situação dos trabalhadores são poucos e raramente se viabilizam em propostas concretas. A atuação em defesa da igualdade de direitos entre os sexos

é quase sempre muito tímida, limitando-se a pedidos de criação de creches, redução do tempo de trabalho para a aposentadoria da mulher e denúncias de atos de discriminação.

Raramente uma candidata foi eleita como resultado de uma atuação política intensa em defesa dos direitos da mulher. A história política recente do país mostra, ao contrário, que várias mulheres chegaram ao Parlamento em substituição aos maridos que tiveram seus direitos políticos cassados depois de 1964, ou ocuparam o lugar de maridos ou filhos mortos. Mulheres eleitas graças aos votos dados por contingentes femininos ainda constituem casos isolados.

As eleições realizadas em 1978 assumiram características novas em relação à participação feminina. Foram eleitas quatro deputadas federais e 18 estaduais, num total de 1289 parlamentares. Essas mulheres são, em sua maioria, jornalistas, advogadas e professoras, e tiveram um número expressivo de votos (a mais votada teve 120 mil votos).

Talvez em consequência da própria dinamização das organizações de mulheres, os temas feministas já constavam de algumas plataformas eleitorais. Em entrevistas divulgadas pela imprensa com as recém-eleitas, quase todas revelavam preocupação em atuar em defesa dos direitos da mulher, por salários iguais, por maior participação política etc. Somente em maio de 1979, pela primeira vez desde que a República foi proclamada, uma mulher chega ao Senado, para assumir o posto de seu companheiro de chapa que morreu.

Apesar de todos os avanços, a participação feminina no Legislativo ainda é bastante inexpressiva e não reflete a mudança do papel desempenhado pela mulher brasileira em alguns setores da vida nacional.

Fanny Tabak

Essa matéria é um resumo, elaborado por **Mulherio**, do trabalho apresentado pela socióloga Fanny Tabak na última reunião da SBPC, intitulado "50 anos de exercício de voto".

Dona Esther foi pro Planalto

Pela primeira vez no Brasil, uma mulher assume um Ministério: Esther de Figueiredo Ferraz, 67 anos, professora de Direito, é desde o final de agosto ministra da Educação.

O fato é um claro indicativo da mudança que vem ocorrendo nos últimos anos na forma com que a sociedade encara a participação da mulher em atividades fora de casa.

No entanto, é bom lembrar que ter uma mulher num alto escalão de poder não altera substancialmente nada. E que, mais do que saber se tal pessoa é homem ou mulher, interessa saber suas idéias, seu comportamento, sua ideologia. Esther é conhecida como uma pessoa competente, conservadora e legalista. Ela foi também,

em 1960, a primeira mulher a assumir a reitoria de uma Universidade, a Universidade Mackenzie, em São Paulo, justamente na época dos conflitos estudantis com a Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antônia.

Em entrevista à revista Veja, a nova ministra afirma que é feminista, ressaltando: "Mas não vivi situações de discriminação profissional: os homens foram os que mais ajudaram na minha profissão. E tenho várias colegas de muitos anos de atividade forense que também não se queixam dos homens advogados. Isso pode não retratar a generalidade, mas é uma realidade muito auspiciosa, uma esperança de que um tratamento igualitá-

rio seja dispensado naturalmente a todas as mulheres. Agora, no MEC, vou tratar com igualdade homens, mulheres e jovens".

A repórter pediu também sua opinião sobre a legalização do aborto, e ela respondeu: "Sou professora de Direito Penal e sou contra a legalização indiscriminada do aborto, como que quem alguns. Considero que as hipóteses de aborto legal que estão previstas no Código Penal já são suficientes para atender as necessidades. Quanto ao mais, seria permitir a legalização do homicídio. Eu respeito profundamente a pessoa humana e considero o ser apenas concebido já uma pessoa. Por isso sou contra a legalização indiscriminada do aborto".

Quero ser mãe

As mulheres de hoje, em sua luta para definir suas vidas, são, com frequência, compreensivelmente ambivalentes no que se refere à maternidade. Ter ou não ter filhos é uma questão com a qual quase toda mulher já se defrontou. Mas o que acontece quando uma mulher decide ter uma criança e descobre que não pode? Jo Pollentine descreve aqui o longo e doloroso processo que teve de enfrentar para lidar com sua esterilidade.

Seu depoimento, publicado originalmente na revista inglesa Spare Rib e traduzido para o Mulherio pela jornalista Cecília Thompson, revela também a curiosa relação que, muitas vezes, nós mulheres estabelecemos com nossos médicos: de nossa parte, uma dependência absoluta, uma confiança cega; da parte deles o desprezo pela pessoa que nós somos atrás da nossa vagina, de nosso útero ou de nossos seios.

Quando resolvi ter um filho, sentia-me tão ambivalente quanto qualquer outra mulher: eu nunca quis filhos, embora achasse que provavelmente viria a mudar de idéia no futuro. Aos 28 anos, de repente, vivendo a romântica fase inicial de um ótimo relacionamento, comecei a desejar prolongar essa relação numa nova vida. Com o meu parceiro, pensava, eu forjaria um novo tipo de relacionamento pais-e-filho: não despejaríamos nossas frustrações numa criança, não faríamos com que a sua vida dependesse de nós nem a nossa, dela. Não era o "papel maternal" que eu queria desempenhar: eu queria ser mãe de uma criança, ter a chance de rejeitar esse papel, e criar um novo tipo de maternidade. Assim, resolvi ter um filho — só que não aconteceu.

Aos 29 anos, quando nada acontecia, você tem de agir: o tempo se esgota depressa. E a minha ambivalência quanto a ser mãe ou não foi superada pela obsessão, esperança, decepção e dor. Tentar engravidar é muito diferente de querer simplesmente um filho — e depois de todo o meu investimento emocional no esforço de conceber, de repente comecei a sentir que a Natureza estava como que me julgando, fazendo uma avaliação negativa de mim, dizendo que eu não servia para ser mãe. Em vez de uma mulher forte, pronta para ter uma relação bonita e aberta com uma criança, eu passei a ser simplesmente alguém que precisava de uma criança.

Comecei a ver o que podia ser feito

— e comecei pela tabela de temperatura, para descobrir se eu estava ovulando, e quando. Toda manhã, a primeira coisa a fazer era enfiar um termômetro na boca, com as previsíveis oscilações de esperança e decepção. Temperatura mais alta? Bem, podia significar apenas mais um resfriado a caminho. Ou descobrir que o "dia bom" tinha sido o anterior, e agora só restava esperar pelo mês que vem.

Isso marcou cada dia da minha vida pelos cinco anos seguintes: deixar que um termômetro me dissesse quando eu devia ter relações com o futuro pai do meu filho. Por exemplo: tive de comparecer a uma importante reunião depois de um dia de trabalho exaustivo. Chego em casa tarde, cansada. A última coisa que quero é dormir com alguém. Ou vou passar alguns dias fora — e isso coincide exatamente com os dias "bons". Mais um mês perdido. Brigas. Discussões. Outra preocupação: quando a menstruação está para vir. Talvez eu esteja grávida, mas alguém me pede para ajudar a empurrar um móvel pesado. Ajudo — e a menstruação vem. Oh meu Deus, se ao menos eu tivesse tido mais cuidado! Mas simplesmente não posso agir como uma mulher que recusa a abortar a cada momento: não posso ficar na cama, parar de trabalhar, não levantar peso. Só que não consigo me desligar. Claro que não digo isso a ninguém — mas todos os pensamentos, sentimentos, ações, adquirem um significado diferente de acordo com a época do mês. E os testes? Fizemos teste de tudo quanto foi jeito: pós-coito, contagem de esperma.

O "sexo consciente", com a finalidade de procriar, acaba matando a sexualidade, depois dos primeiros meses de excitação. Quando sentimos um desejo espontâneo, a primeira coisa que ocorre é checar se a hora "é boa" — E lá estou eu, rigidamente imóvel, pernas para cima, tentando não desperdiçar aquele precioso esperma, músculos tensos. Não sobra lugar, aqui, para as minhas necessidades sexuais.

"Eu estava destruída"

Cada novo teste, além disso, trazia um medo: e se eu descobrisse que era infértil? Bom: chegou-se à conclusão, finalmente, de que não havia nada de errado comigo, de forma que ninguém podia fazer algo por mim. O caso resumia-se a que eu poderia — ou não — conceber. E depois de mais um ano de tentativas eu não agüentava mais. Voltei a tomar a pílula, e me convenci de que não queria ter filhos.

Mas não consegui matar meu desejo por filhos, só enterrá-lo provisoriamente. Dois anos mais tarde, a vontade de engravidar ressurgiu — e recomencei o processo. A ciência médica havia mudado, senão avançado, e agora havia novas drogas, maravilhosas. Como o Clomiphone. Jamais gostei de drogas, nunca pretendi tomar qualquer remédio para a fertilidade — mas dizem-me que esta apenas estimula a ovulação. Assim, lá vou eu. E, durante meses, nada acontece. Os médicos não



Ilustração de Hans Georg Rauch

querem se admitir derrotados — e me aconselham o Dr. "X". Ele vai conseguir: 60% dos casos que ele tratou foram sucessos.

No primeiro exame com o Dr. "X", ele estava rodeado de admiradores, amontoados nos pés da minha cama enquanto ele exclamava cheio de pena: "Oh, que útero patético! Pouquíssimo mucus, devia ter bem mais. Você passou por uma cauterização — não sabia?" Tento lembrar-me de que, para ele, sou apenas um corpo, não uma pessoa. Não sou responsável pelo meu útero, de modo que não devo sentir isso como um insulto pessoal.

O doutor encontra finalmente um nome para o que está errado comigo: disfunção ovulatória. Eu ovulo, mas o processo que deveria acompanhar a ovulação, para promover a concepção, simplesmente não acontece. Complicado demais para explicar, diz ele: continue tomando o remédio, "claro que não haverá efeitos colaterais! Você acha que eu lhe receitaria algo que tivesse efeitos colaterais? Não confia em mim? Tome estrogênio também, e verá que fica muito mais receptiva".

Na consulta seguinte, o médico me expõe um plano: seis meses disso e se, não funcionar, mais seis meses daquilo; depois, como último recurso, va-

mos tentar a inseminação artificial, com o esperma do marido.

Vou embora, e penso no assunto: quero engravidar JÁ. (Estou com 34 anos, nessa altura). NÃO QUERO MAIS ESPERAR. Não quero nem saber como: natural, artificial, tanto faz. Comunico ao doutor que estou pronta para a inseminação artificial a qualquer momento. Ele me responde que os resultados dos testes que fez comigo são muito bons, de modo que é cedo para a inseminação artificial, e talvez isso nem seja necessário.

Passam-se meses. E passo pelo ciclo de sempre de fantasia, esperança, e decepção. Quando dissemos ao médico que achávamos que o tratamento deveria incluir ajuda do lado emocional, ele respondeu: "Bem, estamos conversando, não é mesmo?". Disse-lhe que uma conversa de seis em seis meses não era bem minha idéia de ajuda. Sugeri entrarmos em contato com os seus outros pacientes, para uma troca de experiências, e para não nos sentirmos tão isolados. Ele achou isso "perigoso, inútil". Começaríamos a comparar os tratamentos, e a pedir outros remédios, não apropriados no nosso caso.

Sem ajuda, a não ser o apoio do meu parceiro, comecei a me sentir no

fim. Desamada. E desabei. "Não sou uma mulher", era o que eu mais sentia. "Não sou sequer uma pessoa". E sentia que, mesmo que eu engravidasse, não ia ter nada para oferecer para uma criança.

Cada encontro com o médico era uma batalha, e só piorava tudo: ele não parecia ter o mesmo senso de urgência que eu, estava tranquilo, já que, pelo testes, minhas chances, em 18 meses, haviam subido para 70%. Depois de um ano e meio do tal remédio, ele começou a me dar injeções de algo extraído da urina de mulheres grávidas, cuja finalidade era promover a ovulação. Claro que ter relações era parte essencial da receita.

Só que, nessa altura, descobri que meus olhos estavam sendo afetados: fui ao oculista, e ele me explicou que o remédio que eu tomava tinha SEIS efeitos colaterais possíveis, isso só na vista! Comecei a me preocupar seriamente com minha saúde — tudo estava piorando: visão, audição, memória, cérebro. Eu nem sabia mais se eram os remédios ou a depressão. O médico recomendou mais seis meses de tratamento, eu protestei. Ele se aborreceu, já que o tratamento estava funcionando: os testes mostravam que os hormônios estavam bem, o mucus idem, o

nível de progesterona no meu sangue estava correto. Respondi que o tratamento NÃO estava funcionando, já que eu não tinha engravidado. Quais as chances disso, agora? Praticamente zero, ele admitiu. Se eu não tinha engravidado até agora, provavelmente jamais engravidaria. E mesmo que engravidasse, as chances de levar a gravidez a termo seriam remotíssimas.

Eu disse que realmente não agüentava mais, mas será que ele podia dar uma última examinada para ver se eu não estava com cistos no ovário, outro efeito colateral conhecido? Ele enfiou o dedo em mim, remexeu um pouco, de um modo extremamente não-profissional, e disse: "Meu bem, divirta-se! Eu souri — e foi só depois, quando contei ao John, que percebi o que é que ele havia dito: "Já que você não pode ser mãe, seja uma cortesã..."

"Meu corpo não existia mais para mim"

Desisti do tratamento, do médico, de engravidar. Duvidou que, num certo ponto do tratamento, ele tivesse chegado a me dizer "bem, temos de aceitar a derrota". Acho que se eu tivesse querido continuar, ele esticaria a coisa até a minha menopausa. Meu bem-estar físico e emocional seria sacrificado pela causa de conseguir fazer com que o meu corpo cumprisse a coisa mais importante para a qual tinha sido criado. Meu corpo nem existia mais para mim — mas só para essa nobre causa.

Foi duro superar isso. E passei o ano seguinte tentando aceitar a idéia de que eu era infértil. Eu não poderia suportar a dor de não ter a criança que eu queria, até aceitar o fato de que eu não a teria. O próximo estágio, tendo mais ou menos aceito (a esperança é a última que morre...) foi me aceitar como mulher infértil, e aprender a me sentir bem de novo, comigo mesma. A vergonha, até então, era muito forte. Ainda é. (Estou assinando este artigo com pseudônimo.) Tenho vergonha de, sendo uma mulher forte, lutando por ser liberada, estar reduzida a isso, um resto patético de não-pessoa, só porque não posso ser mãe.

Sinto a forte necessidade de escrever tudo isso, para ver se desperto maior compreensão e apoio, da parte do movimento feminista, para as mulheres com problemas de infertilidade. A infertilidade não foi até agora encarada a sério pelo feminismo: todos os esforços foram dirigidos para o tema da "escolha". Mulher liberada é a que controla seu corpo e sua vida, cuja vida é resultado das suas decisões. Mulheres inférteis não se encaixam nessa maioria, infertilidade é tabu, mulher infértil é um problema.

Ser infértil nunca me tornou insensível aos problemas das mulheres que fazem aborto: também passei pelo medo da gravidez não desejada — e por mais tempo do que o tempo que passei querendo engravidar. Assim, li-guem-se a mim: nossa dor tem mais em comum que em contrário. As mulheres que abortam e as que têm filhos sofrem de ambivalência, como eu. Todas nós sentimos culpa. Todas somos atingidas pelas imagens negativas de qualquer aspecto da nossa feminilidade que representarmos. Tratem-me como uma de vocês. Falem de suas crianças, de suas alegrias, seus ressentimentos, abortos, seja o que for. Se isso me causar dor, ajudem-me com minha dor. Aceitem essa dor como sua, como uma dor de mulher.



Vida, minha vida

Teca é uma pessoa que está o tempo todo se descobrindo. Hoje ela tem 25 anos, e foi com 21, 22 que começou a atuar no movimento homossexual, integrando-se logo depois também no movimento feminista, o que a ajudou a refletir muito sobre sua condição de mulher lésbica.

Numa noite de terça-feira, Wanda Nestlechner e Marlene Rodrigues, de Mulherio, foram ao apartamento de Teca, no centro de São Paulo, para conversar sobre homossexualismo. O resultado é este bonito depoimento que publicamos a seguir, em que Teca fala sem rodeios de temas como discriminação, afirmação homossexual, casamentos e dominação.

Muito expressiva e agitada, Teca é técnica em computação, estudou Física durante três anos e depois mais três de Filosofia. Não tem nenhum diploma, e diz: "Sou autodidata, sou uma pária da graduação".

Teca, como começou surgir em você a necessidade de uma afirmação sexual?

Bom, na adolescência não tive casos nem com homens nem com mulheres. Minha adolescência foi muito insípida sexualmente e eu fiquei muito perdida, principalmente porque eu estava muito distante do centro do buxixo: meu pai é motorista de táxi e minha mãe costureira. Trabalhei desde os 14 anos, e por isso a minha relação com o mundo sempre foi muito responsável. Isso me afetou bastante durante a infância e agravou-se quando começou a pintar a necessidade de afirmação.

Quando eu era menina, minha mãe contava umas coisas de mulher com mulher que me perseguiram muito tempo. Eram umas histórias bem ignorantes mesmo sobre sexo homossexual. Então, eu não era lésbica, nem podia ouvir essa palavra. Depois, já no colégio, começaram a surgir as pressões: ter namorado, ir a bailes, usar sutiã.

Nesse período, eu era católica, não transava com ninguém, o mundo era muito fechado à minha volta, e as meninas e os meninos do meu bairro, em Osasco, eram muito limitados. Tive educação sexual com uma mulher que tinha sido freira e ela era muito moralista. Era tão chocante o moralismo dela que até eu, que era beata, me chocava.

Tudo isso representava uma pressão muito grande pra gente se afirmar e eu não tinha como atingir essa afirmação. Não tinha ninguém que moras-

se perto de mim que fosse lésbica. Eu começava a achar algumas mulheres interessantes e de fora pra dentro tinha aquela pressão que dizia: se assumo, se afirma. As pessoas achavam que eu era uma menina maluca, eu não era, era uma menina careta e ainda sou. Acho que vai demorar 50 anos pra quebrar toda a carga de moralismo que carrego.

Esse processo foi longo? Foi difícil começar a quebrar esse moralismo?

Eu demorei muito pra me afirmar. Houve uma época em que eu fui ficando extremamente masculina, foi quando comecei a trabalhar num lugar onde só trabalhavam homens e esses homens eram profundamente machistas. Isso me tocava de uma forma brutal. Eu não queria ser um objeto pra eles, e, sem querer, comecei a me vestir como homem. Foi quando eu sofri uma grande agressão ao entrar na Faculdade de Física, na PUC. No trote, quiseram cortar o meu cabelo, mas estava claro que eu era mulher.

Eu andava meio travestida, mas não porque eu quisesse parecer homem, é que nesse caminho de não ser objeto e de uma afirmação inconsciente, eu cheguei a descuidar completamente de mim. Esse período da minha vida, eu chamo de auto-destruição e foi no final dessa fase, quando perdi meu primeiro casamento, que operei os seios. Eu queria reconstruir a minha vida.

E o fato de você fazer essa operação era uma negação do seu corpo de mulher?

Não, não era. Eu fiz uma viagem a trabalho a Buenos Aires e me pegavam nos seios o tempo todo. Já tinha vivido isso aqui, mas lá acontecia todos os dias. Na minha adolescência, tinha que usar faixas no peito pra poder jogar porque me machucava. Fiz a operação sozinha, ninguém me ajudou. A minha família era contra, achava um absurdo; imagine, tanto dinheiro. E não era tanto assim.

E depois da operação, como você se sentiu?

Fiquei muito satisfeita. E eu sabia que ia ficar, porque era uma coisa que tinha me incomodado muito e não acho que tenha sido uma agressão contra o meu corpo, não. Não me incomoda ser mulher, eu não faria uma operação para deixar de ser mulher, mas faria novamente uma operação para não ter tanto seio porque realmente me incomodava, como percebo que incomoda outras mulheres.

Você falou do seu primeiro casamento. Como é um casamento homossexual?

Eu acho os casamentos homossexuais parecidíssimos com os casamentos heterossexuais, porque não se elimina a competição e porque neles também existe uma relação de dependência entre os pares. Por mais liberada que a gente seja, ainda fica uma coisa sutil de ativo e passivo. Ouço algumas pessoas dizerem que um caso entre duas mulheres pode ser mais revolucionário do que um caso entre um homem e uma mulher, mas não

concordo com isso. Então o poder é o quê? É o falo, o pênis? Não. Aí nós voltamos à nossa escravidão biológica. Não acho que é o falo que dança a relação, o que dança é a imagem, o uso e o arcabouço ideológico para esse uso.

Então as dificuldades de relacionamento não são diferentes entre duas mulheres?

Poderia ser diferente se a gente tivesse uma reflexão voltada para o que nos separa enquanto mulheres, uma reflexão sobre a competição, a dependência. Acho que o feminismo deve ter essa reflexão muito forte, muito modificadora e muito profunda sobre os mecanismos que a gente tem entre mulheres: a minha relação com a minha mãe, com a minha avó, com a mulher que eu amo, com a mulher com quem eu trabalho, com a secretária, com a faxineira. Só que é mais fácil a gente ver isso quando são pessoas que estão fora do nosso nível afetivo. Quando está dentro da bacia do amor, do afeto, aí dança tudo. Dança porque



"Não sei se existe essa categoria de ser lésbica. Eu não sou lésbica, eu sou tudo. Sou uma mulher, sou uma empregada, sou uma filha, talvez algum dia venha a ser mãe."

surgem outros sentimentos que a gente não analisa no grupo. E a inveja, o ciúme, a possessividade. Não há uma discussão sobre isso, estou começando a discutir isso agora.

E o heterossexualismo, como você encara? Você é também heterossexual?

Bom, fui muito destrutada por algumas pessoas do movimento homossexual porque eu seria bissexual. Não me considero bissexual, porque sou afetivamente homossexual, e no entanto eu transo homens, é raro, mas transo e tenho prazer. Mas eu nunca me apaixonei por um homem, acho até que poderia, se fosse uma coisa muito importante pra mim, uma pessoa muito maravilhosa a quem eu estivesse muito ligada, mas essa é uma possibilidade muito remota.

Mas então existe um preconceito das lésbicas em relação ao heterossexualismo?

Existe preconceito em todo lugar: das lésbicas em relação às heterossexuais, das heterossexuais em relação às lésbicas. Do lado das lésbicas não é tanto preconceito, é mais ressentimento, um ressentimento da não possibilidade de ser um objeto de desejo da outra e também de todas essas marcas que a gente leva desse processo de afirmação, que eu acho um fascismo terrível. E também eu não sei se existe essa categoria de ser lésbica. Eu não sou lésbica, eu sou tudo. Eu sou mulher, sou uma empregada, sou uma filha, talvez algum dia venha a ser mãe.

E no trabalho, você se sente discriminada?



Até que me considero uma pessoa privilegiada no trabalho, porque sempre assumi a minha situação, ainda mais depois que criei um discurso em cima da questão Trabalho com computação e, talvez por ser uma técnica super-especializada, posso ter as minhas posições. Mas sei de pessoas que têm problemas terríveis no trabalho.

Teca, as lésbicas sempre são vistas como pessoas agressivas, violentas. Como é que você explica essa imagem, tem algum fundo de verdade?

Isso é um reflexo da misoginia profunda dos homens de identificarem as lésbicas como competidoras deles, de não conseguirem ver as mulheres como sujeitos possíveis de alguma agressão o que eles mesmos admiram em si. Mas essa visão não é completamente destituída de verdade, e claro que existe certa violência do lado das lésbicas, como existe do lado dos ho-



"As pessoas achavam que eu era uma menina maluca, e eu não era, era uma menina careta e ainda sou. Acho que vai demorar 50 anos pra quebrar toda a carga de moralismo que carrego."

mens, do lado das mulheres heterossexuais, de todo mundo. A maternidade, por exemplo, pode ser uma instituição extremamente violenta. Eu apanhei de minha mãe até os 18 anos de idade. Você liga o rádio de manhã e ouve 200 casos de violência. Então, a violência não é "privilégio" de uma classe, de um sexo, de uma opção sexual ou de uma posição ideológica.

Mas como é que se dá a violência específica entre as lésbicas. Ela vem de uma tentativa de se aproximar do macho?

A violência no caso das lésbicas ocorre quando elas estão num espaço que lhes exige uma atuação masculina, ou seja, exige que elas sejam homens. No gueto, isso se dá claramente com a mulher que é cafetão, que tem a função de explorar e ao mesmo tempo defender as prostitutas.

Se a "cafetona" não anda de navalha, se ela não fala grosso e sustenta o que fala, se ela não sai para a briga com a polícia, com o garçom, com o cliente, com todas as pessoas externas ao gueto e que podem ameaçá-lo, ela não consegue respeito, não consegue se sustentar. Você vê então que essa relação entre a "cafetona" e a prostitu-

ta é uma relação entre duas mulheres que é idêntica à relação que um homem cafetão tem com uma mulher.

Você faz parte de algum grupo homossexual hoje?

Agora não. Ajudei a montar o Ação Lésbico Feminista, participei dele dois anos e saí em outubro de 80 para entrar num grupo feminista. Sou uma pessoa independente e me considero parte do movimento homossexual, porque pra mim o movimento homossexual não são os grupos organizados, mas é a relação das pessoas que são homossexuais neste mundo.

Como você vê o movimento homossexual? Quais as dificuldades pra que ele consiga se colocar como o movimento feminista, por exemplo, que hoje tem até programa na televisão?

Não existe uma homogeneidade da discriminação ao homossexual, e o contrário ocorre com as mulheres. Enquanto mulheres, não importa a classe, idade, origem, existe uma coisa que nos liga, que é ser discriminada. Já com os homossexuais é diferente, porque existem divisões muito claras entre quem é travesti, quem é frinchona, quem é lady. A militância é considerada um terceiro caminho. O fato de ser lésbica não me iguala a outras lésbicas porque elas podem ser muitas outras coisas que não têm nada a ver comigo. É diferente de ser mulher, porque você pode ser muitas outras coisas além de ser mulher, mas não é uma coisa que você escolhe e acho que a gente escolhe ser homossexual. As vezes nem percebe, mas escolhe. Eu, por exemplo, escolhi sem perceber.

Mas há outras diferenças. O problema do movimento homossexual é que ele ainda está muito na questão da identidade, de dizer "nós existimos", "nós temos o direito de existir". O movimento homossexual não tem um projeto para a sociedade como um todo, não propõe um novo universo de relações que sirva tanto para o homossexual quanto para o heterossexual. Ele diz coisas só para os homossexuais ou então para o poder, fazendo reivindicações de mudanças de leis, por exemplo. Já o movimento feminista tem um projeto para a sociedade como um todo, de mudança nas relações entre as pessoas.



"Eu acho os casamentos homossexuais parecidíssimos com os casamentos heterossexuais, porque não se elimina a competição, e porque neles também existe uma relação de dependência entre os pares."

E como é pra você ser lésbica e feminista ao mesmo tempo?

Acho muito bom ser lésbica e ser feminista. Eu não gostava de ser só lésbica porque me limitava muito, meu discurso não poderia atingir minha mãe, por exemplo. Não que eu ache que tenha um discurso que sirva para todas as mulheres, mas tenho questões, dúvidas e vontades que eu queria discutir com mulheres que têm experiências diferentes da minha. E o feminismo me permite isso.

"Eu não permito que a mulher ensine ou estabeleça a lei para o homem. Que ela se mantenha pois, em silêncio."

São Paulo, "Primeira Epístola a Timóteo".

Muito do que a mulher produziu no campo artístico ou intelectual ficou no limbo e não apenas no limbo da história, pois não chegou a atingir a forma pública. Lygia Fagundes Telles narra, num pequeno trecho de seu livro *A Disciplina do Amor*, a história de uma tia sua, que, durante toda a vida, fizera poesias em cadernos às escondidas, pois era extremamente malvisto naquele tempo o fato de moças poetarem. Ela pediu que, ao morrer, seus poemas fossem colocados no travesseiro com que seria enterrada. Mas a quantidade era tanta que deu para encher um colchão. Quantas tias poetas morreram junto com seus poemas?

Subordinada na vida, a mulher só poderia ocupar posições marginais dentro de uma arte e uma cultura estruturadas como veículos de expressão dos dominantes. Da mulher, sempre se esperou que procriasse, mas não que criasse. As que também penetraram na esfera da criação o fizeram (e fazem) sempre com maiores sacrifícios ou restrições que os homens. Qualquer análise histórica da arte feminina terá, portanto, que se preocupar não só em recuperar presenças esquecidas, mas, sobretudo, mostrar as ausências e seus motivos, centrados nos modos de vida e nas ideologias.

Hoje, ouve-se como lugar-comum que estamos numa época de liberação da mulher. As barreiras



SAINDO DO LIMBO

O 1º Festival Nacional das Mulheres nas Artes, que será realizado em São Paulo no início de setembro, colocará em discussão um tema muito importante: existe uma criatividade feminina no campo artístico? Por que se conhecem tão poucas obras produzidas por mulheres?

É sobre isso que a jornalista Maria Carneiro da Cunha fala neste artigo.



Desenho de Sônia Gutierrez

"eternas" caíam, mas a verdadeira luta pela liberdade de expressão está apenas em seu começo. Muitos esquecem que o maior baluarte da tirania patriarcal está na própria mente das mulheres, em sua aderência a modos alienados de pensamento, em suas tentativas de serem exatamente como os homens ou deles diferirem em tudo. Qualquer que seja a atitude adotada, os critérios de comparação são os masculinos, pois vivemos numa cultura construída a partir do "estar no mundo" dos homens. É justamente o "estar no mundo" das mulheres que inúmeras artistas vêm propondo em sua arte, de forma mais ou menos consciente, mas enfrentando certamente dificuldades adicionais, além daquelas ligadas a todo trabalho de criação.

Quando falamos em masculino e feminino estamos nos referindo a estereótipos culturais, pois não é a natureza que define o homem como criativo e ativo e a mulher como passiva e receptiva. A função dos estereótipos é justamente a de ocultar a realidade, produzindo simplificações confortáveis para quem detém o poder. Algumas características atribuídas às mulheres também são aplicadas às crianças, aos negros, às classes economicamente desfavorecidas.

Como as idéias propagadas por um grupo dominante nem sempre são suficientes para manter o status quo, foi necessário também, para justificá-las, que se impedisse, de várias formas, o acesso das mulheres à mesma instrução proporcionada aos homens. Uma mulher instruída era, até há pouco tempo, sempre exceção, restrita a determinadas épocas e determinadas classes.

E a irmã de Shakespeare?

No entanto, ainda é muito comum ouvir a pergunta: por que não há entre as mulheres nenhum gênio como Shakespeare? Coube à escritora inglesa Virginia Woolf responder a isso em seu livro *A Room of One's Own* (*Um Quarto para Nós Mesmas*), onde levanta a hipótese de uma imaginária irmã de Shakespeare, dotada do mesmo talento, mas incapacitada de desenvolvê-lo, pelo tipo de vida mais restrito que se impõe às mulheres e que vai muito além da restrição de sua educação. A maioria das mulheres — observa Woolf — tem vivido de forma mais ou menos confinada e sob a dependência dos homens. Sujeitas da infância até a morte por leis escritas e não escritas,

como exigir delas a largueza de vistas, que dificilmente lhes é permitida em suas vidas?

Apesar de tudo, houve e há mulheres artistas, houve e há mulheres intelectuais. No depoimento destas, é comum, entretanto, constatar as dificuldades que encontraram em se definir como tal, em assumir o seu poder criador num campo que tradicionalmente não lhes era destinado. Todos os exemplos históricos eram de homens. Eram homens os que tinham dito as coisas consideradas importantes ou escrito as "grandes obras". Nestas, as personagens femininas eram pintadas sempre em função de suas relações com os homens. É mais uma vez Woolf quem observa: "Suponha, por exemplo, que os homens fossem representados na literatura apenas como os amantes das mulheres".

Além disso, a História tende a ocultar muita coisa. Quem conhece Hipátia, filósofa e matemática da Escola de Alexandria (século 3 d.C.) ou muitas outras mulheres cientistas, artistas ou pensadoras? Elas existiram, mas é como se não tivessem existido. As obras de várias mulheres têm sido também atribuídas a homens, como as da pintora holandesa Judith Leyster, do século 16, creditadas a Franz Hals. E quantos não atribuíram as descobertas de Madame Curie exclusivamente a seu marido?

Essas exceções funcionam como mulheres alibi. Para muitos, o fato de realmente existirem mulheres intelectuais não é um desmentido à inferioridade feminina como um todo, pois o argumento é curiosamente invertido: se algumas conseguiram, é porque nada as impedia. Não lhes passa pelas cabeças que algumas tiveram melhores condições que outras e que as possibilidades estão longe de ser distribuídas democraticamente em nossas sociedades.

Dois pesos, duas medidas

Quando a obra vem a público, é julgada pela crítica, que também está bem longe de ser imparcial. Dificilmente um crítico homem (e o mesmo ocorre com muitas mulheres) deixa de acentuar o fato de ser uma obra de mulher. Tal critério diferenciador não se aplica a obras de homens, isto é, ninguém julga importante destacar esse fato. É impossível separar do julgamento as idéias que o crítico tem sobre o que deve ser uma mulher em nossa sociedade.

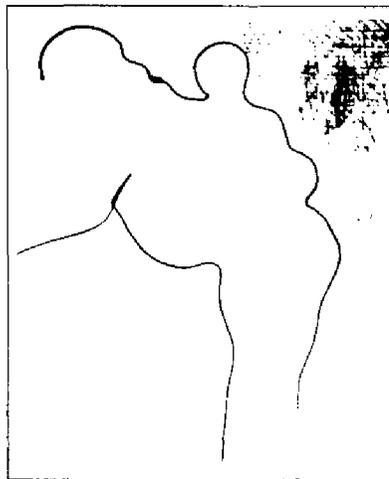
Jamais diriam de um autor como Henry Miller, por exemplo, cuja obra está totalmente centrada sobre sua própria pessoa, que é um narcisista. Uma mulher que faça o mesmo sem disfarces, dificilmente escapará do qualificativo. Mesmo nestes tempos ditos de "liberação", o estereótipo mostra sua persistência.

Marina Yaguello em seu livro *A Mulher e as Palavras*, refere-se a uma experiência realizada recentemente nos Estados Unidos. Composições literárias de autoria de alunas foram identificadas como se fossem de alunos e misturadas com outras. Entregues a professores (homens e mulheres), aquelas identificadas como de alunos receberam notas melhores.

Por causa de todos esses fatores, muitas mulheres restringiram-se a gêneros literários como o diário e a correspondência ou a formas de artesanato, que não se destinavam em princípio ao público. Mas, no caso da litera-



Desenhos de Sonia Guierrez



tura, coube também a mulheres novelistas — especialmente a partir do século 19 — explorar todo um território virgem em que a sensibilidade, o imaginário e os estados interiores constituem uma maneira de escapar aos ditames de um certo racionalismo estreito que impregna a cultura dominante. Sobre esse aspecto, é preciso acentuar que todos os grandes artistas homens (inclusive Shakespeare), sempre apresentaram, de forma equilibrada, tanto as qualidades definidas pela sociedade como masculinas, como as consideradas femininas. Dentro da civilização ocidental, uma das funções da arte foi mesmo a conservação destas últimas características nos ho-

mens, através de suas obras. Em outros campos, elas foram constantemente reprimidas ou minimizadas.

Obviamente, não se trata de arquétipos de "anima" e "animus", colocados fora das condições sociais. Ocorre apenas que nossa cultura, ao estratificar tão rigidamente os papéis sexuais, faz com que homens e mulheres rejeitem certas qualidades atribuídas ao outro sexo, em nome de sua identidade masculina ou feminina. Quem sai perdendo é a humanidade como um todo.

Maria Carneiro da Cunha



Dança

Sobre a essência feminina

No início de junho o Balé da Cidade de São Paulo — antigo Corpo de Baile do Teatro Municipal —, sob a direção do magnífico Klauss Vianna, estreou em São Paulo com muito sucesso. No programa, a coreografia de Mara Borba, "Certas Mulheres", destacou-se pela linguagem inovadora e sensibilidade no tratamento do tema.

Em dez cenas (Dança do Baú, Dança das Velhas, Dança das Gerações, Dança do Guarda-Chuva, Dança do Peignoir, Tango, Aparições do Baú, Serpentes, Supermercado e Madrinhas), e com a duração aproximada de 30 minutos, a coreografia de Mara Borba, cujo tema, segundo a autora, é a essência feminina, nos fala, na verdade, um pouco de todas as mulheres.

— Não tive vontade de contar a história de ninguém em particular. Procurei, ao contrário, retratar sensações profundas que são de todas as mulheres. Procurei a alma feminina, diz Mara.

Duas coisas são muito fortes em "Certas Mulheres": de um lado, o cruzamento e o conflito de gerações. De outro, a presença de certos objetos simbólicos fortemente associados à socialização feminina: a boneca, a penteadeira, o baú, o véu de noiva, o carrinho do supermercado...



Logo de início, velhas vestidas de preto dançam em torno de um velho baú, de onde retiram um véu de noiva, símbolo-reliquia do casamento idealizado. Ao longo de todo o balé, as mesmas velhas negras e depressivas cruzam com mulheres adultas e crianças, evidenciando o conflito de valores ao lado de uma certa solidariedade pela condição feminina. Uma belíssima adolescente aparece em certo momento como forte símbolo de sensualidade e Juventude. Ao final do balé, no entanto, mulheres adultas e velhas vestem-na de noiva e guardam-na cuidadosamente no velho baú...

Uma das cenas mais surpreendentes, principalmente por sua linguagem

inventiva, é aquela onde mulheres exoticamente vestidas e maquiadas dançam com os carrinhos de supermercado. Foi uma solução genial de Mara a assimilação destes carrinhos — objetos tão presentes no cotidiano das mulheres — à sua coreografia, para denunciar o consumismo extenuante a que uma grande parcela de mulheres está condenada.

O balé foi composto originalmente para apenas três bailarinas, e recriado no Balé da Cidade para 18 figurantes. Segundo Mara, o mais importante no trabalho de recriação foi o processo de interiorização das personagens: as bailarinas tiveram que sentir profundamente sua condição feminina antes de executar os passos. Marília de Andrade



Música

Las mexicanitas cantantes

Ironizando tudo, até mesmo a figura das feministas, três jovens mexicanas têm conseguido com seu grupo que se auto define como "semi-cômico e levemente musical" provocar muito riso e muita conscientização sobre o papel inferior da mulher na sociedade. O grupo surgiu de uma brincadeira entre três amigas feministas, mas hoje "Las Leonas" já são bem conhecidas na Cidade do México, com apresentações principalmente em reuniões sindicais, atos feministas, greves e festivais de partidos de esquerda.

Com poucos instrumentos — violão, percussão e flauta —, a jornalista e antropóloga Marta Lamas, a matemática Silva Alaton e a socióloga Olivia

Galla transformam canções populares mexicanas em sátiras. Como esta, intitulada "Supermulher": "Sou perfeita, já se vê. Eficiência, competência e beleza, já se vê. Sou ótima no sexo, boa mãe, enfermeira, professora e juíza. Adoro meu filhos, só lhes compro roupas finas Minha casa é um modelo de limpeza e qualidade. Tenho todos os aparelhos domésticos e às empregadas ordeno trabalho e obediência. Em viagens só uso Chanel e Cristian Dior".

Para as três "leonas", a visão crítica da mulher tem que ser leve, forte e muito engraçada. As letras das canções são criadas pelo próprio grupo e mostram com simplicidade os problemas mais prementes da mulher mexicana. Em comemoração à apresentação de um projeto de liberação do aborto, por exemplo, elas utilizaram um hino político muito conhecido, cujo estribilho incitava as mulheres latinas a terem muitos filhos, pois a pátria precisa de soldados. A nova versão

ficou assim: "Abortar, mães latinas, abortar impunemente. Para não parir soldados que matem tanta gente. O aborto é um direito proletário, é um direito camponês".

Numa canção, "Las Leonas" falam da maternidade voluntária ("A natureza nos deu um grande presente, a maternidade. Mas se resulta em obrigação, vira repressão"). Em outra, mostram a luta das mulheres, "que nunca se acaba": "Se vamos à rua começam a insultar, se vamos no ônibus começam a nos agarrar, se andamos na cidade nunca podemos ficar tranquilas".

Mas uma das músicas de maior sucesso é a sátira aos machos, que diz: "Gosto dos homens, mas não de todos. Gosto dos homens verdadeiros, que quando falam são sinceros e que não creem no poder. Gosto dos que dão mamadeira, sabem passar roupa, costurar suas calças. Não gosto dos campeões, nem dos heróis." Marizela Augelli

ATENÇÃO:

Em São Paulo, você sempre encontra Mulherio (inclusive números atrasados) na Livraria Zapata, à rua Cesário Mota, 285, Vila Buarque, e na banca de jornal na esquina da rua Haddock Lobo com a Luis Coelho, próximo à av. Paulista. No Rio, procure a Livraria Dazibao, na rua Visconde de Pirajá, 595, loja 112, Ipanema.

A pesquisa sobre a mulher no Brasil vai bem, obrigado. Esta coletânea é um bom índice de sua riqueza e vitalidade. "Trabalhadoras do Brasil" — um achado a fina ironia do título — vem dar seqüência à publicação dos artigos que resultaram dos projetos vencedores do 1º concurso de pesquisas sobre a mulher, que a Fundação Carlos Chagas organizou em 1978 com apoio financeiro da Fundação Ford, iniciado com "Vivência, história, sexualidade e imagens femininas" (1980). É apenas de lastimar o intervalo demasiado longo entre a publicação do 1º e do 2º volumes.

A coletânea não propõe uma análise exaustiva, articulada e sistemática da participação da mulher brasileira na produção, mas análises parciais dentro de contextos perfeitamente demarcados, explicitados, e nesta contextualização minuciosa reside um dos seus grandes méritos. Elites profissionais, donas-de-casa na periferia da metrópole, trabalhadoras rurais, variam as situações e os processos de trabalho, variam as abordagens teóricas, mas a preocupação com o rigor nos procedimentos de análise é comum.

H SAFFIOTI e V. L. FERRANTE demonstram como a penetração do capitalismo no campo tem efeitos muito diferenciados sobre trabalhadores homens ou mulheres implicando dimi-



Trabalhadoras do Brasil, coletânea organizada por Fúlvio Rosemberg e Cristina Bruschini. Fundação Carlos Chagas, com apoio da Fundação Ford. Editora Brasiliense, 1982. 203 páginas.

Trabalhadoras do Brasil

nuição do peso da contribuição feminina para a força de trabalho. J. Beltrão estuda as representações que as mulheres empregadas no beneficiamento da castanha-do-pará elaboram sobre seu corpo consumido no processo produtivo.

De uma perspectiva militante J. Chiriac e S. Padilha analisam as limi-

tações dos clubes de mães da periferia paulistana na conscientização das donas-de-casa de seus interesses enquanto mulheres. M. I. Paulilo, ao descrever a divisão sexual do trabalho nas famílias de parceiros, arrendatários e assalariados agrícolas no Brejo Paraibano, indica como o trabalho fora de casa é reservado preferencialmente para as mulheres sem marido e analisa as formas de apropriação do excedente gerado pelo trabalho feminino. S. C. Eigenheer mostra como a representação dos territórios masculino e feminino é redesenhada para garantir, ao menos simbolicamente, a reprodução da família enquanto grupo de pequenos produtores diretos dentro de um contexto sócio-econômico novo.

S. HERCULANO DOS SANTOS examina a carreira profissional nas empresas estatais para as mulheres universitárias, desvendando a importância estratégica de seus maridos para obtenção de cargos de chefia e analisando as imagens que estas profissionais elaboram sobre si mesmas.

Todos esses ensaios, dentro de um sólido padrão de qualidade, vêm contribuir para a consolidação de uma área interdisciplinar de estudos sobre a mulher.

Albertina de Oliveira Costa



Muito Prazer — Contos eróticos femininos, selecionados por Márcia Denser. Autoras: Cecília Prada, Cristina de Queiroz, Judith Grossman, Márcia Denser, Marina Colassanti, Myriam Campello, Olga Savary, Rachel Jardim, Regina Celia Colonia, Renata Pallotini e Sônia Coutinho. Editora Record. Rio de Janeiro, 1982.

Muito prazer

Se falar de sexo sempre foi privilégio dos homens, escrever sobre erotismo nunca foi terreno que as escritoras mulheres se habilitassem a explorar. Exceção seja feita a Anais Nin, só bem recentemente divulgada entre nós, cuja literatura erótica, como ela mesma relata, era escrita sob encomenda, sem a intenção de que jamais viesse a ser publicada. A espécie de *habeas corpus* que as últimas décadas têm trazido à sexualidade feminina parece estar mudando essa realidade. Poder viver melhor a vida sexual, pensar sobre ela, falar dela leva as mulheres a poder, também, escrever sobre isso, ainda que com certa timidez, como uma odalisca que vai retirando, aos poucos, os véus, num *strip-tease* lento e cauteloso, apenas iniciado.

Muito Prazer aparece entre nós como um dos primeiros véus a cair nesse *strip-tease*. Afinal, um livro de contos eróticos escritos por mulheres. Um li-

vro que, por sua condição intencional deveria conter histórias excitantes sobre as quais o leitor pudesse dar livre curso à fantasia, obtendo daí o prazer, nem sempre fácil de conseguir na vida sexual concreta.

Não é bem isso que aparece quando caem os véus reveladores. Como tão bem explica Cecília Prada no primeiro conto (A chave na fechadura), não se trata de amontoar "seios-coxas-nádegas, 250 posições de amor". Não se trata de registrar o encontro sexual usando efeitos especiais, tridimensionais, estereofônicos, em *eastmancolor*, transformando-o em uma superprodução empolgante a todos os sentidos.

Ao contrário, o que se encontra nesses contos é outro tipo de impacto. O impacto que não se evita ao ver exposta, com coragem e medo, com alegria e desespero, com piedade e autocomiseração, com ternura e rancor, toda a ambigüidade da vivência profunda que é a sexualidade para as mulheres. Trata-se de arrebentar os limites do genital, do puramente sensorial, para alargá-lo na dimensão do afetivo, do emocional, do sensual, permitindo, embora com susto e medo, a colisão, o encontro ou o desencontro dos sentimentos mais inexplicáveis e contraditórios.

Não que não importem as "sensações totais". Ao contrário, são elas que se buscam e tantas vezes se encontram, enquanto se tateiam os sentimentos como corpos vivos e palpantes. No conto de Cristina de Queiroz, "As Sensações Totais", só são possíveis pela entrega plena à fantasia, pelo apelo lúcido ao mistério, pelo assumido descompromisso com a realidade.

Como em todos os episódios em que se enovela sentimentos, corre-se

o risco de chorar um pouco. De decepção, de medo, de vergonha. Na obra-prima de conto que é "Menina de vermelho a caminho da lua", de Marina Colassanti, o desencanto borbulha, respingando vergonha, pela cumplicidade, até certo ponto inevitável, com o sórdido diálogo que o sexo pode entabular, sem uma palavra, entre um homem e uma menina.

Muito Prazer é um livro de especial importância para as mulheres que hoje buscam a verdade de seus desejos, os caminhos de seus prazeres. Porque, através de sua leitura, pode-se compreender que não adianta tentar decalcar o modelo erótico masculino com papel carbono para encontrar os contornos da sexualidade feminina. O que se revela ao fim do *strip-tease* da odalisca é bem diferente. É o erotismo que escapa além da pele, é o prazer que explode, muito além do prazer.

Mariska Ribeiro



Feminino, feminino — de Socorro Trindade. Ed. Universitária, Natal, 1981

Essa publicação reconstitui um pouco do cenário e da vida de Nisia Floresta (1810-1885), precursora do feminismo brasileiro. Nascida num sítio perto de Natal (RN), foi professora, escritora e traduziu o livro de Mary Woeltoncraft, Direitos da Mulher, em 1852. Pouco se conhece dessa pioneira que no século passado casou, cascou, defendeu sua independência e a dos outros, foi abolicionista e republicana e frequentou Augusto Comte e os pensadores franceses. Crê que a época por seus maus costumes — termou ganhando um momento, perdido nos matos tropicais, na cidade em que nasceu e que ganhou seu nome. O cenário de Nisia é bonito como a estranha história de sua vida que, felizmente, Socorro Trindade recuperou.

Beth Souza Lobo

CONGRESSOS



Em Montreal

Organizada pelo Instituto Simone de Beauvoir, que pertence à Universidade de Concordia, no Canadá, realizou-se em Montreal, de 26 de julho a 5 de agosto, uma conferência internacional sobre a investigação e o ensino relativos à mulher, que vinha sendo planejada desde 1980, no Congresso de Copenhague. Participaram do encontro cerca de 300 pesquisadores de diversos países da Europa, Ásia, África, América do Norte e América Latina. Do Brasil compareceram nove pesquisadoras e um pesquisador.

Convidadas a título pessoal, com a finalidade de trocar experiências e buscar mecanismos para o estabeleci-

mento de redes de comunicação, estivemos discutindo, durante dez dias, questões vitais para todas nós, pesquisadoras e feministas. A tônica predominante nos debates foi a de que a pesquisa sobre mulher, por preocupar-se com a transformação de sua condição de subordinação em todas as sociedades, deve estar ligada a uma prática política. Outro ponto muito discutido, e que obteve o consenso das participantes, foi o de que pesquisar a condição feminina acaba por levar à revisão da objetividade científica e a assumir que os valores fazem parte de uma ciência que quer ser transformadora.

A conferência foi estruturada em painéis ou amplas sessões plenárias, seguidas de seminários de trabalho com número mais reduzido de partici-

pantes. Três foram os grandes temas debatidos no encontro: pesquisa sobre a mulher, ensino relativo à mulher e pesquisa e ação social.

Houve tempo também para outros temas de interesse: a apresentação de representantes de agências distribuidoras de recursos para pesquisa; um debate sobre a mulher e a arte; uma discussão sobre os principais avanços quanto aos conceitos e à metodologia para a pesquisa sobre a mulher em diversas disciplinas acadêmicas.

Mais do que tudo, porém, a Conferência de Montreal propiciou o encontro de pessoas interessadas nas mesmas questões e vindas das mais diversas regiões. É provável que ela dê frutos, através da formação de redes de comunicação e de intercâmbio.
Cristina Bruschini



Em Dakar

De 21 a 26 de junho de 1982 foi realizado em Dakar (Senegal) o seminário "Um outro desenvolvimento com as mulheres", organizado pela Associação das Mulheres Africanas pela Pesquisa sobre o Desenvolvimento, do qual participou Lélia Gonzalez. Ao final do encontro, as participantes elaboraram consistente documento divulgado sob o título "Declaração de Dakar".

Ultrapassando a usada querela contradição principal (leia-se luta de classes) X contradição secundária (leia-se luta de mulheres) o documento integra, na denúncia e na proposta, a discriminação sexual à luta pela emancipação política e econômica dos países subdesenvolvidos.

Denuncia o tipo de desenvolvimento introduzido pelas multinacionais e assinala: "É importante notar que as multinacionais se instalam nos países do sul para utilizar o trabalho de jovens camponesas em empregos mal remunerados, instáveis, temporários e sem futuro. De modo semelhante, a criação de zonas francas industriais e o desenvolvimento do turismo tendem a desenvolver a prostituição".

"A crise global se manifesta também no domínio da cultura onde correntes tais como o nacionalismo cultural e o integralismo religioso contribuem para restabelecer um sistema patriarcal arcaico e frear o progresso social através de uma desmobilização física e mental das mulheres".

Além da denúncia, o documento explica o que seria o **outro desenvolvimento**: "Ao nível local e do lar, uma visão de um Outro Desenvolvimento deve rejeitar as estruturas que criam e reproduzem uma divisão sexual do trabalho que oprime as mulheres e crianças e que constitui uma limitação ao desenvolvimento auto-dependente" (...)

"Uma tal mudança", prossegue o documento, "exige o direito das mulheres a desenvolverem e controlarem sua própria sexualidade. Um tal progresso social significa não somente a melhoria da condição das mulheres mas também sua transformação pelo questionamento de todas as ideologias que definem o papel das mulheres subalternas e passivas. O feminismo oferece uma base a essa nova consciência e a uma cultura de resistência frente a essas novas formas de dominação."



Em Washington

Avança cada vez mais o movimento das mulheres no sentido de criar canais, conquistar espaço e acesso aos meios de comunicação em geral. De 16 a 19 de abril passado, realizou-se em Washington, Estados Unidos, a "Women News International Network", com a participação de mais de 100 mulheres da América Latina, África, Ásia, Europa e Estados Unidos, para discutirem a criação de uma Rede Informativa Mundial da Mulher, que agilize a comunicação alternativa das mulheres em todo o mundo.

O encontro foi convocado pelo "Centro de A Tribuna", de Nova Iorque, que publica uma revista sobre mulher e desenvolvimento. E foi patrocinado pelo Instituto pela Liberdade de Imprensa que, dias antes, havia convocado um encontro nacional de mulheres jornalistas.

A idéia da rede mundial nasceu na Conferência de Copenhague, em 1980, e foi impulsionada por uma equipe de mulheres que se dispuseram a trabalhar o tema juntamente com o "Centro de A Tribuna". Durante o encontro de Washington, buscaram-se mecanismos capazes de responder a

realidades nacionais distintas. Para muitas das presentes, era utópico falar de uma rede mundial antes de garantir as redes nacionais e regionais. Para outras, esses são passos complementares e não excludentes.

Apesar da carência organizativa de redes de comunicação da mulher em muitos países, o encontro deixou claro que existe por onde começar. América Latina, África e Oriente Médio têm respectivamente um serviço informativo da mulher, que opera através dos teletipos da Interpress Service. O Caribe inglês tem sua rede própria. As suecas e alemãs têm grupos organizados de mulheres jornalistas para divulgarem informações de interesse através da grande imprensa. As francesas criaram a Agência Informativa da Mulher. No Pacífico Sul, as mulheres têm acesso a um satélite, através do qual divulgam informações. E existem múltiplas revistas, cartas informativas, jornais, programas de rádio ou tevê alternativos da mulher em praticamente todas as regiões do mundo.

A decisão final do encontro foi de que o princípio gerador da Rede Informativa Mundial da Mulher estava constituído através dos contatos e listas de endereços com os quais cada uma das participantes mantêm relações nos diversos países. Adriana Santa Cruz, da Cidade do México



LEI

Extra, extra: cadeias ficarão superlotadas

Atos corriqueiros e freqüentes hoje no Brasil — como impedir a entrada de uma mulher num restaurante, não contratá-la para determinado trabalho só por ser mulher, pagar-lhe salário inferior ao de um homem pelo exercício da mesma função ou induzi-la à prática de atos sexuais — poderão ser punidos proximamente com prisão, multa ou até afastamento do cargo.

É um sonho, uma miragem? Não, isso acontecerá se for aprovado um projeto de lei anti-sexista que o deputado federal Modesto da Silveira (PMDB-RJ) apresentou à mesa do Congresso no início de agosto. Ele foi preparado com o auxílio de quatro feministas cariocas: a advogada Branca Moreira Leite, a economista Hildete Pereira, a psicóloga Danda Prado e a enfermeira Maria José de Lima.

O projeto considera crime a discriminação motivada por preconceito de sexo, e define os seguintes atos discriminatórios: "I — Exigir ou induzir mulher à prática de atos sexuais, aproveitando-se ou abusando de posição de mando ou poder sobre ela, mediante concessão ou promessa de recompensa ou vantagem; II — Exigir o chefe, empregador ou seu preposto, que empregada sua ou mulher que sirva sob suas ordens faça prova de sua situação menstrual ou de gravidez, ou provocar sua demissão por um desses motivos; III — Negar trabalho ou emprego em empresa pública ou privada por preconceito de sexo; IV — Obstar o acesso à qualquer cargo ou função do serviço público ou empresa privada por preconceito de sexo; V — Pagar à mulher remuneração inferior à de um homem pelo mesmo trabalho ou função; VI — Exigir assistência marital, paterna ou qualquer outro

suprimento de capacidade da mulher em ato jurídico para o qual a lei não a exige; VII — Recusar inscrição ou matrícula em escolas de qualquer curso ou grau, bem como em concursos de qualquer espécie, públicos ou privados, por preconceito de sexo; VIII — Ensinar ou transmitir, de forma sistemática, em qualquer estabelecimento de ensino, uma imagem estereotipada ou inferiorizada da mulher, por motivos sexuais; IX — Veicular pelos meios de comunicação e livros didáticos uma imagem estereotipada, desvalorizada ou inferiorizada da mulher; X — Impedir a entrada, recusar atendimento ou a venda de mercadorias em locais abertos ao público, tais como bancos, lojas, restaurantes, confeitarias, bares, hotéis, clubes, teatros, cinemas e outros semelhantes, por preconceito de sexo".

As penas aplicáveis a quem cometer qualquer um desses atos variam de prisão de 3 a 12 meses e multa de um a dez salários mínimos da região. O projeto prevê ainda que se o agente for de empresa ou de órgão público, ficará impossibilitado de exercer cargo de direção ou chefia pelo prazo de um a dois anos a partir da sentença condenatória definitiva.

Os autores do projeto dizem que sua aprovação "dependerá da articulação de uma série de medidas que pensamos tomar, para divulgar essa notícia a todas as brasileiras e obter o maior número possível de votos por parte dos parlamentares. Precisamos nos organizar em nível municipal, estadual e federal para sondar a opinião pública em escolas, universidades, associações, sindicatos, partidos políticos, igrejas e para divulgar as idéias que desmistifiquem os tabus sexistas".



Ilustração de Gustavo Doré

CURTAS

A Anistia Internacional finalmente conseguiu localizar, em abril, o paradeiro de Ana Maria Gomez, uma das fundadoras da Associação de Mulheres de El Salvador, estudante, hoje com 24 anos: ela está no presidic de mulheres de Ilopango, acusada de "atividades subversivas". Ana foi detida em agosto de 1981 pela Polícia Nacional, mas o governo nunca reconheceu publicamente sua prisão.

Grupos feministas do mundo todo mobilizaram-se numa grande campanha de solidariedade a Ana Maria, enviando telegramas a Napoleon Duarte, chefe da junta militar: Agora, a campanha deve continuar, pois a vida de Ana Maria corre perigo: são comuns os assassinatos e os desaparecimentos em El Salvador, ordenados pelo governo de extrema direita.

Se você quiser participar da campanha, escreva ao governo pedindo a libertação de Ana Maria ou então ao diretor da prisão. O endereço: Sr. Diretor, Centro Penal de Mujeres, Ciudad de Ilopango, El Salvador.



Mais de 50 mulheres do SOS carioca realizaram em julho uma manifestação em frente à 15ª Delegacia Policial, na Gávea, para pedir esclarecimentos sobre o inquérito em que está envolvido o psicanalista Carlos Roberto Saba. Em junho, Saba agrediu a empregada doméstica Francisca Célia de Souza, de 19 anos, provocando sua queda do terceiro andar de um edifício. Francisca trabalhava na casa da ex-mulher de Saba, a psicóloga Cláudia Prado Alves Pinto.

Em folheto convocando para a manifestação na porta da delegacia, o SOS Mulher afirma que "como sempre acotence quando homens ricos e poderosos cometem crimes, fatos 'inexplicáveis' começam a acontecer". E pergunta: "Por que não foi feita perícia no local? Por que não foi feito exame de corpo delito? Por que, passado um mês, não houve convocação das diversas testemunhas que testemunharam o crime e que, indignadas com o ocorrido, estão disponíveis para depor? Por que Francisca Célia foi coagida a assinar um papel em branco, no Hospital da Lagoa, por dois personagens que se apresentaram como autoridades e lhe fizeram perguntas tendenciosas como: se ela, Francisca Célia, quando passava próximo a uma janela não tinha vontade de se jogar? Se sua patroa recebia homens em casa? Por que a advogada de Francisca Célia não conseguiu ter acesso ao inquérito nas três vezes em que esteve na 15ª Delegacia? Será que estes fatos acontecem por ser Francisca Célia pobre, mulher? Será que estes fatos acontecem por ser o criminoso poderoso, homem?" E conclui: "A justiça brasileira é uma justiça de classe, de sexo".



Pra agüentar o rojão, elas estão enchendo a cara

O alcoolismo, tradicionalmente considerado uma doença típica de homens, alcança hoje proporções alarmantes entre as mulheres de todo o mundo, observa recente relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS), publicado em Genebra. Na Inglaterra e no País de Gales, as admissões hospitalares para tratamento de alcoolismo aumentaram entre 1970 e 1980 em 77% para os homens e em 137% para as mulheres; e nos Estados Unidos 15% das donas-de-casa dependem do álcool ou das drogas já no oitavo aniversário de matrimônio.

O protótipo da mulher alcoólatra, afirma o estudo, é a dona-de-casa com dois ou três filhos, na faixa de 40 anos de idade. Essas mulheres são chamadas de "as bebedoras das nove às três" — referindo-se ao horário em que elas, sós em suas casas, fazem frente como podem à depressão, à ansiedade e à frustração.

"A solidão da dona-de-casa, unida a um trabalho que pode ser tão esgotante quanto não valorizado, é um dos fatores determinantes de alcoolismo", diz o informe. Mas também "a mulher ativa, profissional em área nas quais deve competir com o homem em desigualdade de condições", busca compensar a ansiedade através do álcool.

Durante um simpósio sobre o tema realizado em Lausanne, na Suíça, o médico Peter Morguson afirmou que "o alcoolismo feminino é um dos problemas mais cuidadosamente escondidos" e que "as grandes bebedoras são consideradas pessoas irresponsáveis, perturbadas, que provocam a ruína de suas famílias". Segundo ele, o problema deve ser visto de ótica exatamente oposta: "É a família, construída sobre bases que não oferecem à mulher a menor satisfação, que converte a mulher em uma 'denunciadora ativa' de problemas não solucionados". (Nota extraída do serviço especial de notícias OIM/IPS).



- A escritora americana Magda Bigin está preparando uma antologia internacional de canções femininas de resistência e solicita envio de material. Seu endereço: 175 West 93rd Street, New York, NY, 10.025, USA.

- O Grupo Feminista 4 de Janeiro, de Fortaleza, completou um ano de existência em junho. Em carta enviada aos grupos de todo o país, as integrantes do 4 de Janeiro fazem um balanço de suas atividades e contam o que fazem agora: as seis participantes têm semanalmente um espaço de reflexão sobre sexualidade, estão discutindo com um grupo de empregadas domésticas sobre trabalho e fize-

VIDA



Colher de pau. Na cabeça

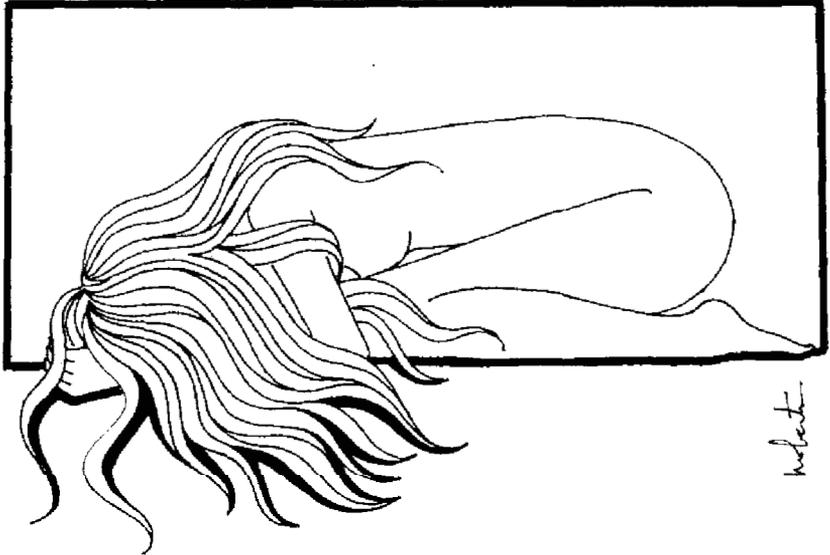


Ilustração de Roberta Masciarelli

Mary Castro Costa, 28 anos, era dentista — mas registrada no INPS como doméstica, por ordem do marido, que também a proibia de cortar os cabelos, pintar as unhas, maquiarse, atender clientes do sexo masculino e a obrigava a usar saias compridas e decotes fechados. Ela vivia em pânico: medo do marido, Joan Elias, 37 anos, eletrotécnico. Joan espancava sistematicamente a mulher, como testemunha toda a vizinhança da rua Cananéia, em Santo André, onde viviam. Mas em briga de marido e mulher, vizinho não mete a colher. Vizinho vai ao enterro da mulher, solidarizar-se com a família e indignar-se para a imprensa, quando a mulher toma um tiro na cara, em pleno dia, no aeroporto de Congonhas, em São Paulo — como ocorreu com Mary, a 10 de agosto.

Na cela da 27ª Delegacia, preso em flagrante, Joan sustentava no dia seguinte um ar transtornado de menino perdido e suspirava seu amor por Mary. "Morri com ela", gemia. Joan cultivou sempre um amor muito especial pelas mulheres: divorciou-se da primeira e abandonou a segunda por Mary, há cinco anos, fazendo sempre dois

filhos com cada uma — e em condições igualmente especiais: a relação sexual o enjoa e, por isso, se desinfeta em seguida com álcool e mertiolate. Além disso, se a mulher gozasse, era imediatamente tratada de puta. Intimidade escabrosa não se divulga, dirão alguns. Há que respeitar a vida privada da finada, dirão outros. Mas que respeito é esse que compactua com a morte?

Salta aos olhos a relação patológica de Joan com as mulheres. Mas ele surrava sua (dele) mulher. "Estava no seu direito, eu é que não ia me meter", comentou seu vizinho. Patológica é, portanto, a sociedade que concede aos homens esse direito. Joan apenas o exerceu até as últimas conseqüências. Como fizeram todos os maridos indicados em boletins de ocorrência da delegacia daquele bairro, por lesões corporais dolosas e agressões a suas mulheres — inclusive ele mesmo. Se a expressão do amor desses maridos em pancadarias e arbitrariedades fosse contida na primeira manifestação, talvez homens como Joan Elias estivessem sussurrando nas celas há mais tempo. Metamos, pois, a colher. De pau. Na cabeça. Leda Beck

CURTAS



ram o curso "Esse Corpo que é Nosso", organizado por mulheres da Fundação Carlos Chagas.

- O Grupo de Mulheres de Vitória comunica seu novo endereço: Caixa Postal 1010, CEP 29.000, Vitória, ES.

- Anote: **Primavera 1984**. Uma organização européia é a responsável por anúncio tão longínquo. Mas é bom retê-lo: Colóquio Flora Tristan, em Dijon (França) na primavera de 1984. Personalidade feminista importantíssima da 1ª metade do século XIX, seu pensamento e sua ação de inserir no movimento operário da época. O objetivo do Colóquio será de estudar seu pensamento, sua inserção

no século XIX e seus desdobramentos. Maiores informações: Stéphane Michaud - 28 rue des Félizots - 21121 Fontaine Les Dijon - França (Extraído de BIEF, primavera, 1982).

- Sob a coordenação de Marco Aurélio Fernandez Velloso, será iniciado em setembro um curso para a formação de observadores e coordenadores de grupos operativos. Quem se interessar pela aplicação da teoria e da técnica de Pichon Rivière, aplicável em trabalhos comunitários, de intervenção institucional, etc. deve solicitar maiores informações pelos telefones 210-0270, 211-4272 e 814-8210 (São Paulo).

O Mulherio rides again

O Mulherio do Brasil já está falando até no México! Pois não é que uma coleção de brochuras sobre imprensa de mulheres na América Latina começou justamente contando a experiência de nosso Jornal? A coleção — "Comunicação Alternativa da Mulher" — é editada pelo Instituto Latino-americano de Estudos Transnacionais (ILET), que realizou em junho, na Cidade do México, um seminário sobre o tema (ver Mulherio n° 7). As experiências relatadas no encontro serão agora sintetizadas em cadernos.

O primeiro número reproduz o documento sobre o Mulherio apresentado por Adélia Borges no seminário e traz uma reflexão sobre o jornal feita por Ana Maria Amado, do ILET, que enfatiza a pontualidade na saída do Jornal e sua "vocação de pluralismo e objetividade" revelada na "descentralização do espectro informativo e dos problemas abordados".

Algumas de suas afirmações:

"A diagramação e o estilo de redação seguem um modelo jornalístico, podendo-se comparar Mulherio a qualquer exemplo de imprensa comercial mais sólida, aquela que não se preocupa só com o conteúdo, mas também com a forma de apresentá-lo."

"Predomina a linguagem direta, o estilo limpo, o que revela trabalho de reescrever os textos. As autoras pretendem chegar ao público feminino o mais amplo possível, com um conteúdo acessível."

"Se a forma e o estilo seguem padrões jornalísticos, o conteúdo está longe da clássica fragmentação ou escamoteação, características dos meios massivos de comunicação. A famosa 'objetividade' já não é um termo vazio e adquire dimensão palpável, porque objetividade significa, entre outras coisas, afastar-se de dogmatismos. O fato de se tratar de uma publicação feminista não exclui as posições críticas a determinadas posturas, a abertura para uma ampla gama de idéias a respeito dos assuntos abordados."



LIVROS



Dica de tradução

Duas mães conversam: "Meu filho gosta muito de mim. Tem me dado cada presente". "E o meu então: gasta uma fortuna toda semana no psiquiatra só pra falar de mim!"

Bem que esta estória já meio gasta poderia servir de epígrafe para uma versão tupiniquim de Les Enfants de Jocaste, de Christiane Olivier, editado na França. É isso mesmo: se a psicanálise em suas variadas escolas nos conta a versão do Édipo, Christiane Olivier desvenda a trama do drama de Jocasta, mãe de Édipo, mulher de Laos, mãe como a gente que assume o

filho e a filha na ausência do pai, de um pai que sem culpa abandona à sua mulher a guarda, proteção e educação da crianças.

Pode ser até que muitos psicanalistas se indignem com as liberdades teóricas desta mulher psicanalista. Mas que bem faz ler este livro, onde a gente descobre a palavra procurada há tempo para contar a insatisfação e o desejo mal expressos. Onde a gente se encontra através de uma fala clara, acessível, às vezes mansa, outras irônicas, mas sobretudo terna. Ternura e solidariedade para com as mulheres que não encontram na vida de todo dia onde repousar sua regressão.

Fúlvia Rosemberg

HUMOR

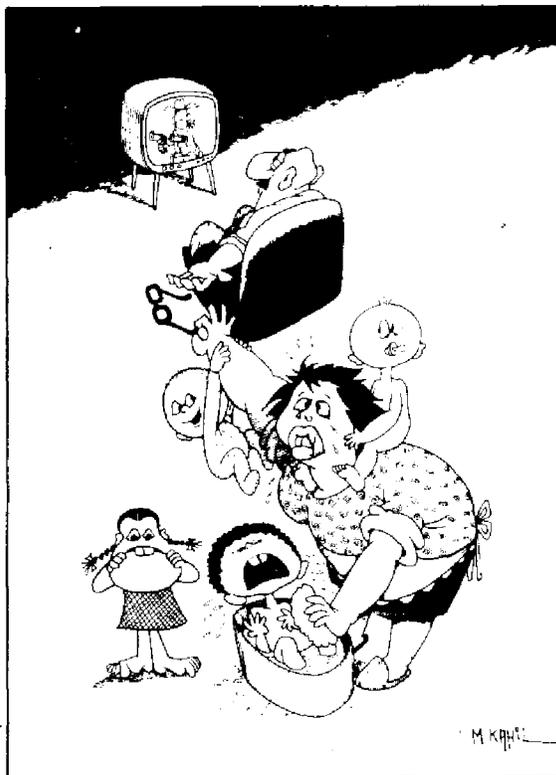


Ilustração de M. Kahil

Nasce uma editora

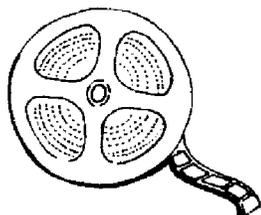
Com o livro **Educação sexual: uma proposta, um desafio**, de Maria Amélia Goldberg, surge uma nova editora em São Paulo, a Aruanda. O nome foi escolhido por significar simbolicamente o objetivo da editora, de ser "mais uma frente no quadro atual das lutas assumidas pelas mulheres brasileiras". Na orelha do livro, a explicação: "Aruanda é a forma topônima feminina pela qual a memória coletiva do escravo negro africano conservou a reminiscência de São Paulo de Luanda, porto africano de onde era exportado. Com o tempo, passou a significar utopicamente a pátria distante, o paraíso da liberdade perdida, a terra da promessa. Para nós ele simbolizará a esperança da libertação da mulher, a luta pela realização da liberdade, da igualdade e da dignidade de todas as mulheres, em íntima comunhão com os anseios das minorias oprimidas. A Coleção **Tempo Mulher da editora** terá três séries: **Sexualidade, Política e Trabalho**."



CINEMA



Vamos assistir



A Dinafilme, distribuidora alternativa ao mercado comercial, aluga filmes para entidades e cineclubes de

todo o país. Em seu catálogo, além de longas-metragens que tratam do assunto mulher, como *Mamma Roma*, *Amante Muito Louca*, *Bebel*, a *Garota Propaganda*, *O Anjo Azul* e *Os Amores de uma Loira*, há os seguintes curtas metragens relacionados à temática feminina: *Exemplo Regenerador*, de José Medina, um dos filmes pioneiros do cinema paulistano, feito em 1919; *Pergunta de Amor*, de Reinaldo Volpato; *Trabalhadoras Metalúrgicas*, de Olga Futema; *Comunidade do Maciel*, de Tuna Espinheira, sobre prostituição; *Carmen Miranda*, de Jorge Miguel Lileli; *Versus*, de Landa Pinheiro; *Suely*, de Sérgio Sanz; *Ana*, de Raimundo Ban-

deira de Mello; *Gilda*, de Augusto Severá; *Leucemia*, de Noilton Nunes; *Clarice*, *Eunice e Teresa*, de Joatan Vilela Berbel; *A Mulher no Cinema Brasileiro*, de Ana Maria Portilho Magalhães; *Quando Chegar o Momento*; *Dora*, de Luis Alberto Sanz; *Tarumã*, de Aloysio Raolino e Mario Kuperman; *Zona*, de Luiz Gonzaga; e *Rendeiras do Nordeste*, de Ipojuca Pontes. Se você quiser programar projeções de algum desses filmes, procure a Dinafilme, rua do Triunfo, 134, salas 84 e 85, São Paulo, 01212, fone 221.3641. Há centros de distribuição da Dinafilme também no Rio, em Belo Horizonte, em Vitória e em Salvador.

Guia de boas maneiras para a mulher moderna

Para a jovem pianista

*Reclinando-se ao teclado,
deve a pianista
retirar tilintares maviosos,
noturnos consonantes,
consoante
os finos tímpanos
da platéia
Nunca interromper a mazurca
para afrouxar a gargantilha
ou desatar a corrente
que prende os demônios ao subsolo.*

Para a jovem bailarina

*Voejar adejante rente ao tablado.
Se tropeçar,
jamais contornar a gafe
debochando, rebolando tal insana Salomé
no cabaré
Sim fazer ó,
corar, chorar.*

Para a jovem poetisa

*A poetisa no salão de chá
só deve verter palavrinhas fêmeas.
Bebericos para as colherinhas das mulherinhas.
Se afirma "sou poeta"
a poetisa escandaliza o salão de chá.
Xicaras e colherinhas
pipilarão indignadas.*

Para a jovem esposa

*Simular paz
alegria
perdão
bem-estar
orgasmo
jovialidade
saúde
doçura
compreensão
até que a morte a separe de você mesma.*

Maria Angélica de Oliveira